

The background is an abstract painting by Fernando Velloso. It features bold, expressive brushstrokes in a palette of reds, pinks, oranges, and blues. A prominent vertical stroke of orange and blue is on the left. In the upper right, there are curved, concentric bands of white, black, and light green. The overall composition is dynamic and layered, with various textures and colors blending into each other.

mac

guia para educa- dores

o acervo do MAC pelo
olhar de Fernando Velloso

índice

Conheça o MAC-PR	6
Como utilizar este material	10
O que é Arte Contemporânea?	12
Textos institucionais	16
Mapa expográfico da exposição	20
Obras	22
Atividades	112
Visite o MAC	134
Como chegar ao MAC no MON	136
Como chegar à Sede Adalice Araújo	138



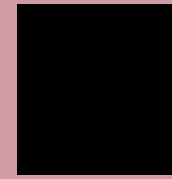
conheça o MAC Paraná

O Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC Paraná) foi fundado em 1970 com a finalidade de estimular e divulgar a criação artística contemporânea, além de abrigar e preservar um acervo de arte com cerca de 2.000 obras pertencentes ao Estado. Desde então, realiza mostras do acervo e exposições individuais e coletivas de artistas contemporâneos.

Sua sede própria, um prédio de estilo eclético construído em 1928 e tombado

pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, está passando por obras de restauro e reforma. Durante este período, o MAC Paraná está funcionando nas dependências do Museu Oscar Niemeyer (MON) e na Sede Adalice Araújo, no hall da Secretaria de Estado da Cultura.

Exposições e eventos do MAC Paraná ocorrem nas salas 8 e 9 do MON; o Setor de Documentação e Pesquisa, aberto para atendimento ao pesquisador de arte, está funcionando ao lado da sala 10, no subsolo.

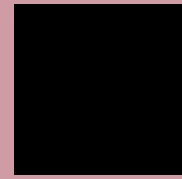


como utilizar este material

Este “Guia para educadores” constitui um material desenvolvido especialmente para professores, com o objetivo de auxiliar o trabalho pedagógico de interessados em abordar as exposições do museu.

Nele, você encontrará informações sobre as exposições do MAC Paraná e algumas formas de introduzir ou trabalhar a exposição com a sua turma. Além disso, são propostas diversas atividades, oficinas e dinâmicas que estabelecem conexões entre a exposição e as práticas educativas. Deste modo, você pode utilizar uma das atividades propostas ou todas elas.

É possível adaptar ao seu trabalho pedagógico, podendo adicionar ou subtrair ideias livremente.



o que é a arte contemporânea?

Em seu sentido mais simples e direto, o termo arte contemporânea se refere às expressões artísticas (ou seja, pintura, escultura, fotografia, instalação, performance, vídeo arte etc.) produzidas nos tempos atuais. Embora essa definição aparentemente seja simples, os detalhes em torno dela são muitas vezes confusos, pois as interpretações de “atual” variam bastante. Portanto, o ponto de partida exato desse gênero ainda é muito debatido. No entanto, alguns historiadores da arte consideram o fim da Segunda Guerra Mundial e o início da Pop Art (ARCHER, 1997) como uma estimativa adequada para o início do período chamado de Arte Contemporânea.

Analisando as produções desse período, podemos observar que a Arte Contemporânea reflete nas suas produções as questões complexas que moldam nosso mundo, que está sempre passando por inúmeras mudanças, tanto sociais quanto políticas. Por meio de seu trabalho, muitos artistas contemporâneos exploram a identidade pessoal ou cultural, oferecem críticas às estruturas sociais e institucionais, ou mesmo tentam redefinir o conceito de arte. Neste processo, geralmente são levantadas questões complexas e instigantes, que raramente apresentam respostas fáceis. Ter curiosidade, mente aberta e compromisso com o diálogo e o debate são as melhores ferramentas para você abordar a Arte Contemporânea.

Quais são as principais características da Arte Contemporânea?

A Arte Contemporânea é um campo vasto e dinâmico, e suas características variam amplamente, pois envolve práticas criativas de artistas de todo o mundo. No entanto, algumas das principais características da Arte Contemporânea incluem:

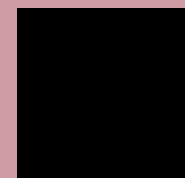
- **Diversidade de meios e técnicas:** a Arte Contemporânea não se limita a técnicas tradicionais como pintura ou escultura. Artistas exploram uma variedade de meios, incluindo fotografia, vídeo, instalações, arte digital, performance, arte de rua, entre outros;
- **Experimentação:** há uma ênfase na experimentação com novos materiais, tecnologias e formas de expressão. Os artistas contemporâneos buscam constantemente quebrar fronteiras e explorar novos conceitos e linguagens;
- **Interatividade e participação:** muitas vezes, a Arte Contemporânea convida o espectador a se envolver ativamente com a obra, seja física ou emocionalmente. A interação com o público é uma forma importante de o artista explorar o significado e o impacto;
- **Reflexão sobre a sociedade e questões sociais:** a arte contemporânea frequentemente aborda temas como identidade, política, globalização, questões de gênero, etnia, meio ambiente e desigualdade social. O trabalho dos artistas é muitas vezes uma reflexão crítica sobre o mundo atual;

- Subversão e desconstrução de tradições: artistas contemporâneos frequentemente questionam e desafiam as normas est ticas e culturais estabelecidas. Eles podem subverter ou desconstruir estilos e tradições artísticas anteriores para criar algo ou provocar uma reflexão sobre esses valores;
- Globalização e intercâmbio cultural: com a globalização e a conectividade digital, a arte contemporânea tem se tornado cada vez mais multicultural, com artistas se influenciando mutuamente, independentemente de suas origens geográficas;
- Desfoque de fronteiras entre arte e vida: em muitos casos, a arte contemporânea não está mais confinada a galerias e museus. A arte pode ser encontrada em espaços públicos, na rua, ou mesmo no cotidiano, misturando-se com a vida social e política;
- Narrativas subjetivas: muitas vezes, a Arte Contemporânea valoriza a subjetividade e a experiência pessoal, dando espaço para a interpretação individual. As obras podem ter múltiplos significados, dependendo da percepção de cada espectador.

Quais movimentos artísticos ela engloba?

Como vimos anteriormente, por vivermos em um mundo globalizado e onde a troca de informações ocorre a todo momento, diferentes movimentos foram surgindo dentro do período chamado de Arte Contemporânea, inicialmente como experimentações, mas que acabaram evoluindo e se tornando um movimento próprio. Abaixo, apresentamos uma lista de alguns desses movimentos, que podem ser encontrados dentro do museu:

- Arte Conceitual
- Arte Digital
- Arte Povera
- Arte Urbana
- Body Art
- Fotografia
- Hiper-realismo
- Instalação
- Performance
- Pop Art



Fernando Velloso, uma homenagem

É clara a importância de Fernando Pernetta Velloso (Curitiba, 1930) como pintor brasileiro, pioneiro até hoje da arte abstrata. Já o chamei anteriormente de “O Poeta da Matéria”.

Sempre se dedicou à sua cidade e ao seu estado natal. Sua formação, além de pertencer à turma dos fundadores da Escola de Belas Artes do Paraná (1948-1952), é também em Direito pela Universidade Federal do Paraná (1951-1955). Sua paixão pela arte o levou a participar da política cultural do Estado, mas que sugere, jocosamente, como perda de tempo: “podia estar pintando”, diz ele.

No entanto, uma atividade nunca se sobrepôs à outra, desde cedo agiu nas duas esferas.

Naquele tempo, começou a publicar a coluna semanal “Artes e Artistas” no jornal “Diário do Paraná” e produzir um programa “No Mundo das Artes”, também semanal, na Rádio Guairacá, foi assim que documentou “ao vivo” a revolta dos jovens artistas no evento conhecido como o “Movimento de Renovação da Arte Paranaense”, do qual foi um dos líderes.

Nos anos 1970, depois de seu estágio em Paris (1959-1961), dedicou-se mais à administração cultural ligando ao seu papel de artista o de crítico de arte, curador e museólogo.

O envolvimento com o Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura é o período da criação do Museu de Arte Contemporânea do Paraná em 1970, com o apoio de Walter Zanini (na época Diretor do MAC na Universidade de São Paulo) e da AMAB (Associação dos Museus de Arte do Brasil). Desde 1970 – incluindo a instalação na sua sede definitiva em 1974 – foi seu diretor até o ano de 1983 promovendo o intercâmbio de artistas nacionais e internacionais.

O MAC foi criado com uma nova mentalidade museológica. Fernando Velloso transformou o museu na verdadeira casa do artista, abrigando todas as manifestações que ocorriam no Brasil e especialmente no Paraná, incentivando, por meio de suas curadorias e textos críticos, o surgimento das novas gerações de artistas nos anos 1970 e 1980. Abrigou o evento que fez o Paraná entrar em diálogo com a arte contemporânea brasileira e mundial que foram “Os Encontros de Arte Moderna” (1969/1976), realizados em conjunto com a Escola de Belas Artes do Paraná.

São 75 anos de vida artística e 95 anos de vida trabalhada e vivida, pintando e difundindo a cultura do Estado do Paraná para o Brasil e para o mundo.

A curadoria desta exposição, dada a ele, é uma homenagem por esse trabalho pioneiro no Estado do Paraná, da Administração Cultural, não só no campo das Artes Visuais, mas também da Música, da Dança, do Teatro, da Literatura, do Cinema e da Cultura em geral.

Fernando A. F. Bini

A exposição “O Acervo do MAC pelo olhar de Fernando Velloso” é uma homenagem ao primeiro diretor do nosso museu, que neste ano completa 55 anos de fundação. A memória é uma chama que ilumina o presente, e revisitar o passado do Museu de Arte Contemporânea do Paraná   reencontrar as raízes da sua existência.

Quando assumi a direção do MAC-PR no ano passado, fui tomada por uma lembrança: a figura de Fernando Velloso. Ele foi o primeiro diretor desta instituição e sua presença ainda ressoa. Durante uma década, ele conduziu o museu moldando seus contornos, dando-lhe corpo e alma, expandindo os horizontes para muitos artistas.

Como um verdadeiro sonhador da matéria, Velloso foi um homem que compreendeu a arte como uma substância viva, um fogo que se propaga e transforma. Sua generosidade como gestor abriu caminhos, permitindo que muitos artistas, inclusive eu, atravessassem fronteiras.

Lembro vividamente do convite de Fernando para participar do programa “Paraná-Ohio”, nos anos 80. Foi como atravessar uma soleira: deixei para tr s meu trabalho como economista e entreguei-me definitivamente   arte. Foi um verdadeiro instante poético, aquele que segundo Bachelard nos faz nascer para nós mesmos.

Fernando Velloso é mais que um gestor. É um guardião dos sonhos, aquele que, ao abrir a porta, permitiu que muitos de nós nos tornássemos artistas. Foi como um guia silencioso, um alquimista da arte, que, com gestos generosos, possibilitou a transformação de tantos outros. Ele compreendia que a arte não se limita a um espaço, mas se expande como uma casa-sonho, onde cada artista encontra seu próprio c modo, sua própria luz. Seu legado permanece, porque aquilo que é verdadeiramente sonhado não se desfaz no tempo: ele habita a memória como uma chama inextinguível.

Podemos perceber sua presença viva, além deste museu, na memória de todos que, tocados por sua generosidade, seguiram a chama da arte.

Hoje, ao celebrar a sua trajetória como gestor, voltando ao sonho, Fernando, com sua genialidade, sonhou. E transformou esse sonho no nosso MAC.

Juliane Fuganti



mapa expográfico

1. Fernando Calderari – Pintura I, 1966

2. Jeferson Cesar – Escultura, 1969

3. João Osório Brzezinski – Dimensão da cor, 1963

4. Domício Pedroso – Favela, 1970

5. Antonio Arney - Comparação de valores A, 1966

6. Helena Wong – Primavera II, 1965

7. Vera Salamanca Robot I, 1970

8. Yolanda Lederer Mohalyi – Textura – luz – vácuo, 1971

9. Tomie Ohtake – Sem título, 1960

10. Mazé Mendes – Movimento IV, 1982

11. Jussara Fátima Age – La mort des pauvres, 1997

12. Fábio Jabur de Noronha – Sem título B, 1993
13. Mário Rubinski – Pintura II, 1971

14. Paulo Valente – Sem título n.º 8555, 1985

15. Ronald Simon – Sem título, 1987

16. Fernando Bini – Intelecto desorganizado, 1970

17. Suzana Lobo – Poluída até certo ponto, 1971

18. Antônio Maia – Caminhantes, 1968

19. Rettamozo – Gravata de força, 1976

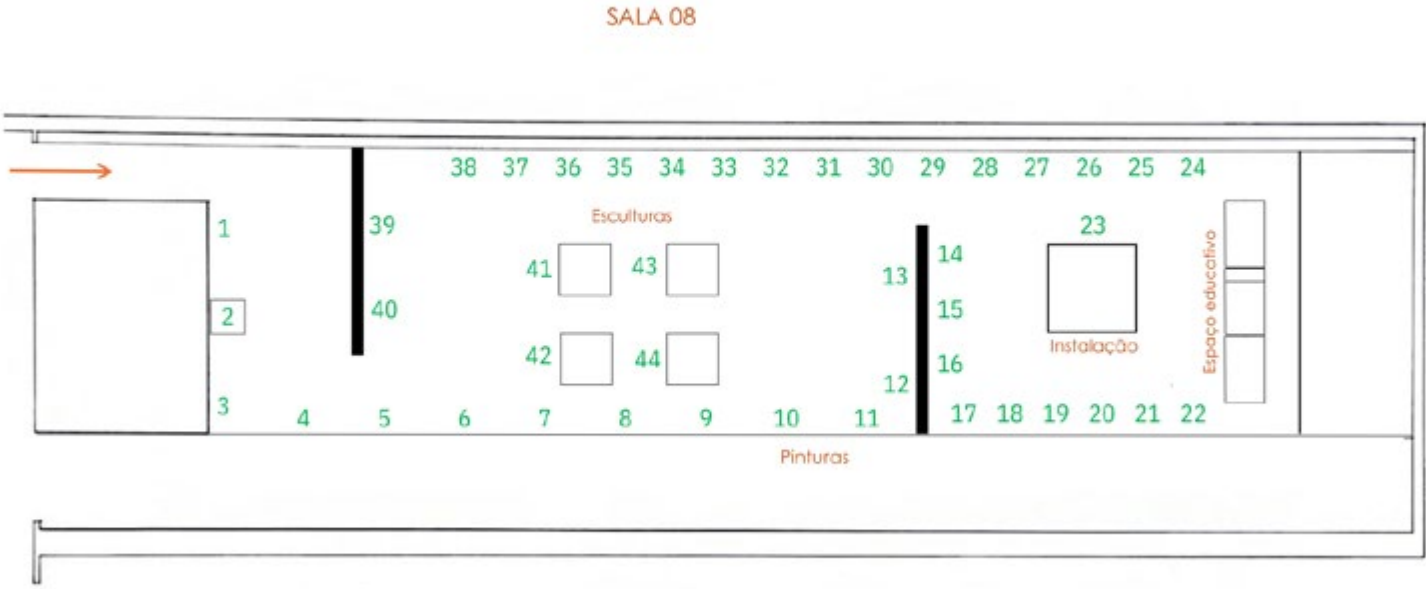
20. Vera Sabino – Desenho I, 1970

21. Marcello Nitsche – Costura da nuvem, 1973

22. Dimitri Ribeiro – Oxalufan / propiciação, S/ Data.

23. José Antonio Lima – Sem título, S/Data.

24. Dulce Osinski – O segundo guardião dos anjos, 1990.



25. Leila Pugnaroni – Código, 1994.

26. Poty Lazzarotto – Desenho, 1974.

27. Helena Maria Beltrão de Barros – False portrait de beatas imaginárias, 1968.

28. Bernardo Caro – Mulher x garrafa em marrom, 1971.

29. Rones Dumke – O ardil, 1980.

30. Kenichi Kaneko – Oração, 1966.

31. Franco Giglio – Casal, 1974

32. Vicente Jair Mendes – Sem título, 1971.

33. Guima – As tentações de Santo Antônio do Rio de Janeiro, 1966.

34. Alberto Massuda – Figuras e animais, 1966.

35. Raul Cruz – Sem título II, 1984.

36. Pietrina Checcacci – João amava Maria, 1969.
37. Antonio Henrique Amaral – Brasileira III, 1968.

38. Danúbio Gonçalves – Realmente, 1973.

39. Carlos Augusto da Silva Zilio – Ferro – fere, 1973.

40. Humberto Espíndola – O golpe, 1980.

41. Eliane Prolik – Lanterna, 1993.

42. Elvo Benito Damo – Interferência ecológica IV, 1981.

43. Francisco Stockinger – Totem II, 1966.

44. Alfi Vivern – Sem título, 1986

FERNANDO CALDERARI

Nasceu em: Lapa, PR, em 1939.

Pintura I, 1966

Entalhe e óleo sobre madeira, 87,2 x 100 cm

CALDERARI, Fernando (Lapa, PR 1939). Pintor, desenhista e gravador. Frequentou a Escola de Belas Artes do Paraná, tendo como professores Guido Viaro, Teodoro de Bona e Erbo Stenzel, fazendo ainda estágio no ateliê de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro com Edite Behring e Roberto de Lamônica.

Residindo em Curitiba, a seu respeito disse Enio Marques Ferreira, em 1965: “Todavia, procura ainda despojar seu trabalho daquilo que considera supérfluo. Essa depuração de cores e de formas teve origem por volta de 1962, quando experimentou, com grande emoção, abstrair a figura das garrafas, que até então eram uma constante nos seus modelos e desenhos”.

PONTUAL, Roberto. Dicionário das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1969, p. 99.

obras



JEFFERSON CESAR

Nasceu em: Siqueira Campos, PR, em 1932

Escultura, 1969

Mármore 26,5 x 26,5 x 15 cm

Jefferson Cesar nasceu em Siqueira Campos, Paraná, em 1932, falecendo prematuramente em 1981. Cesar estagiou no ateliê do escultor, gravurista e chargista austríaco, naturalizado brasileiro, Francisco Stockinger, aprendendo modelagem em cera, fundi o em bronze, solda e escultura em mármore.

Jefferson Cesar cria um pop extremamente pessoal, sínteses plásticas que reelaboram as tradições da arte brasileira, desde o barroquismo, o fantástico, o realismo, sem esquecer o religioso.

“Das sucatas em metal surgem seus guerreiros, santos e heróis medievais, das colagens com rendas e ‘objets trouv s’ ressurgem catedrais e ornatos religiosos. Um mundo imaginário cheio de máscaras, elmos, de cavaleiros e de heroínas, de santos, de arlequins, de dragões e de seres alados”, diz Bini. “  uma pop art criada por meio do lirismo popular e regional, mostrando a magia que as coisas foram perdendo com a massificação”.

Fernando Bini

LEMES, Francismar. ACERVO - Jefferson Cesar, o Dom Quixote paranaense. Folha de Londrina. 2007. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/acervo---jefferson-cesar-o-dom-quixote-paranaense-601482.html?d=1>. Acesso em 11/04/2025.

MUSEU, Oscar Niemeyer exhibe a pop art de Jefferson Cesar. GOVERNO do Estado do Paraná. 2016. Disponível em: <https://arquivo2011.aen.pr.gov.br/Noticia/Museu-Oscar-Niemeyer-exibe-pop-art-de-Jefferson-Cesar>. Acesso em 11/04/2025.



JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI

Nasceu em: Castro, PR, em 1941

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Dimensão da cor, 1963

 leo sobre tela, massa e aniagem colada sobre chapa de madeira, 75,5 x 98,7 cm

João Osório Bueno Brzezinski (Castro, PR, 1941). Pintor, escultor, designer gráfico, desenhista e professor. Formou-se em pintura na Escola de Belas Artes do Paraná em 1962, e em didática de desenho na Faculdade Católica de Filosofia em 1963.

“Apesar de sua trajetória profissional estar dividida em vertentes várias, não estando ausentes o muralismo e a construção tridimensional,   inegável, em sua obra, a prevalência gráfica, que transparece na própria expressão pictórica. (...) foram comuns as iniciativas impregnadas de ousadia e sarcasmo, como no caso dos surpreendentes objetos de deliberado sabor ‘Kitsch’ elaborados a partir de utilitários domésticos de material plástico vivamente coloridos. Estas peças são autênticos exemplares de uma ‘pop art’ cabocla (ou polaca, segundo ele), que causaram o maior espanto à comunidade artística curitibana. Tinham elas, diga-se de passagem, muito a ver com as pinturas em técnica mista (colagens) produzidas anteriormente, que mostravam, no espaço compositivo da tela, a presença insólita de tecidos, com textura, tons e padronagens popularescas, num contexto jamais aceito pelas convenções est ticas vigentes. (...)”

Ennio Marques Ferreira

LEITE, José Roberto Teixeira. Dicionário crítico da pintura no Brasil. Rio de Janeiro: Artlivre, 1988.

JOÃO Osorio Brzezinski. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3228-joao-osorio-brzezinski>. Acesso em: 11/04/2025.



DOMÍCIO PEDROSO

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1930

Favela, 1970

 leo sobre tela 90 x 131 cm

Domício Pedroso (1930-2014) desempenhou grande papel como animador cultural, expógrafo, curador, pintor e gravador. Foi um dos pioneiros na serigrafia artística e comercial, evidenciando a sua relevância para a história da arte no Paraná.

A paisagem urbana foi sempre o tema preferido desse artista, que via nos sobrados e nas sobreposições das casas das favelas a beleza plástica que se apresenta aos olhos do observador, como uma infinidade de linhas e planos formados pelos telhados que se aglomeram e se misturam na paisagem.

Maria Cecília Noronha, 2006

Homem de seu tempo, Domício   cosmopolita, artista completo e ser humano notável. É, sem d vida, um dos maiores representantes da arte do Paraná. Está na história da arte paranaense por seus próprios méritos, representando uma pl iade de artistas que, rompendo com a tradi    acad mica, mostrou os caminhos dos novos tempos.

Regina Casillo, 2009

NO, Mon: Artista Domicio Pedroso é tema do Arte para Maiores de setembro. AGÊNCIA Estadual de Notícias, 2024. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/No-MON-artista-Domicio-Pedroso-e-tema-do-Arte-para-Maiores-de-setembro>. Acesso em: 15/04/2025.

DOMÍCIO, Pedroso. SOLAR do Rosário. Disponível em: <https://solardorosario.com.br/galeria/produto/domicio-pedroso-sem-titulo-2/>. Acesso em: 15/04/2025.



ANTONIO ARNEY

Nasceu em: Piraquara, PR, em 1926

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Compar  o de valores A, 1966

 leo, papel, sucata e madeira sobre madeira, 92 x 122 cm

Cedo se interessa por artes, tendo como exemplo seu próprio pai, pintor, fotógrafo e marceneiro. Começou a pintar em 1956 como autodidata, na cidade de Curitiba. Mant m contato com a Galeria Cocaco, ponto de encontro dos artistas modernos do Paraná nos anos 60. Em 1979, orienta o ateliê de madeira, estudo e pesquisa de materiais no Centro de Criatividade da Fundação Cultural de Curitiba, que organiza viagem cultural a vários países europeus com um grupo de artistas paranaenses. A partir de 1989, orienta o Curso de Colagem na Arte, no ateliê de ensino do Museu Alfredo Andersen. Ainda em 1989 expõe seus trabalhos em Himeji, Japão, na exposição Paintings From the Overseas Sister Cities, no Himeji City Museum of Art.

“Mostro ao público o valor dos materiais pobres, a valorização dos objetos que não têm mais utilização. Dou a todo esse material uma nova função, a da plástica, colocando-os num nível mais elevado que o da função original para uma nova visualidade.”

ARNEY, Antonio

ANTONIO, Arney dos Santos. ESCRITÓRIO de Arte. 2025. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/antonio-arney-dos-santos>. Acesso em: 11/04/2025.



HELENA WONG

Nasceu em: Pequim, China, 1938

Primavera II, 1965

 leo sobre tela 78,5 x 98,5 cm

Em 1951, chega ao Brasil Mie Yuan (1938–1990), que adotou o nome Helena Wong ao se naturalizar brasileira. Wong passou por vários estilos artísticos, mas soube se expressar muito bem por meio do abstracionismo. Sua obra abstrata apresenta mescla entre arte oriental e ocidental, demonstra “apuro técnico, seu cuidado indelével com o fazer e sua perfeita harmonia entre forma e cor, figura e fundo, alma e técnica”. (FERREIRA, 2004, p. 16)

Descrever as obras abstratas da artista é falar da sutileza e do lirismo de suas criações. Helena Wong costumava recorrer às hachuras, muito características de suas produções abstratas. Contudo,   possível observar como as cores fortes são ressaltadas em outros momentos de suas produções, provando que se mantinha em constante busca pelo conhecimento, cuja técnica também se voltava um pouco ao abstracionismo geométrico.

SOUZA, E. A.; SANDY, D. D. Arte abstrata no Paraná: Um olhar sobre a poética de Helena Wong. Curitiba: Caderno Intersaberes v. 11, n. 31, p. 256-266, 2022.



VERA SALAMANCA

Nasceu em: Porto Alegre, RS, em 1948

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Robot I, 1970

Massa, metal, betume, miçangas e papel colado sobre tela 65 x 92 cm



Vera Lúcia Escobar Salamanca (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1948). Pintora, desenhista, gravadora. Frequenta a oficina de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ) com José Assumpção Souza, entre 1967 e 1975 e estuda na Faculdade de Belas Artes de Curitiba. Faz curso livre de desenho na casa de Alfredo Andersen e curso de gravura, sob a orientação de Calderari, no ateliê de Poty. No Museu Paranaense, em Curitiba, desenha fragmentos de cerâmica e sambaquis, obra resultante de viagens arqueológicas na baía de Paranaguá, junto com o professor Oldemar Blasi. Em 1976, participa de performances com Ivald Granato em museus, em teatros e em galerias. No mesmo ano, passa a residir em São Paulo, onde faz cenários e alegorias para a Escola de Samba Nen  da Vila Matilde.

  Aluna, em Curitiba  , de Fernando Calderari, que estudou com Friedlaender, e de José Assumpção Souza. Vera Salamanca não começa entretanto como gravadora, mas como desenhista e pintora. Logo, a gravura adquire, em sua obra, papel relevante: o metal e a litografia prevalecem em suas escolhas de gravadora. Iniciando-se na litografia nos anos 70, lança-se em temática brasileira, intensamente marcada por empenho de resistência: o Araguaia significa diversas direções nas litografias de 1976, num tempo de políticas e antropológicas, pois põem em evidência as lutas de posseiros e povos indígenas. Quando a gravura em metal prevalece, algumas de suas investigações técnicas podem ser retomadas pela litografia, como também pela pintura, a qual pode pôr em evidência grafismos característicos das duas técnicas gráficas referidas. Não é surpreendente, pois, que Vera perfure, arranhe, raspe a própria pedra litográfica, o que amplia os recursos da técnica, que pode empregar ora pregos, ora cacos de vidro, quando não buris ou até instrumentos usados em odontologia. Vera Salamanca valoriza a intertradu  o das técnicas gráficas, de modo que as adoções de uma por outra sempre operam como interpretações que são não só especificadoras de cada qual como também ampliadoras dos respectivos recursos. As litografias recentes explicitam, assim, as pesquisas demoradamente feitas no metal; não se nota, de chofre, que uma lito   uma lito, não um metal, pois a transposição do repertório de uma técnica para a outra está perfeitamente adaptada às exigências gráficas respectivas. Ainda, como Vera afirma judiciosamente, uma litografia sua pode conquistar a luz de modo superior ao da luz ostentada no metal que lhe serve de referência em meditação também luminista.

Leon Kossovitch

GRAVURA: arte brasileira do século XX. São Paulo: Itaú Cultural: Cosac & Naify, 2000. p. 144.

VERA Salamanca. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3220-vera-salamanca>. Acesso em: 22/04/2025

VERA, Salamanca. ESCRITÓRIO de arte. Disponível em:

<https://www.escritoriodearte.com/artista/vera-salamanca>. Acesso em: 22/04/2025.

YOLANDA LEDERER MOHALYI

Nasceu em: Kolozsvar, Hungria, em 1909

Textura – luz – vácuo, 1971

 leo sobre tela 125 x 149,5 cm.

Yolanda Lederer Mohalyi foi uma renomada pintora e desenhista. Iniciou seus estudos em pintura na Escola Livre de Nagyganja, na Hungria, e em 1927 ingressou na Real Academia de Belas Artes de Budapeste. Em 1931, mudou-se para o Brasil e estabeleceu-se em São Paulo, onde lecionou desenho e pintura, tendo entre seus alunos nomes como Maria Bonomi e Giselda Leirner.

A partir de 1935, Mohalyi frequentou o ateliê de Lasar Segall, com quem desenvolveu uma forte afinidade artística. Em 1937, passou a integrar o Grupo 7, ao lado de artistas como Victor Brecheret e Antonio Gomide. Sua primeira exposição individual ocorreu em 1945, no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/SP).

Em 1951, iniciou suas primeiras xilogravuras em colaboração com Hansen Bahia. Em 1958, foi premiada com o Pr mio Leirner de Arte Contemporânea. Durante as décadas de 1950 e 1960, Mohalyi executou vitrais, murais e mosaicos para instituições e residências em São Paulo, destacando-se as obras realizadas para a Fundação Armando  lvares Penteado (FAAP) e as igrejas Cristo Operário e São Domingos.

Em 1962, representou o Brasil na 1.  Biental Americana de Arte, na Argentina, com alguns de seus trabalhos selecionados pelo crítico Sir Herbert Read para uma exposição itinerante nos Estados Unidos. Em 1963, foi premiada como a melhor pintora nacional na 7.  Biental Internacional de São Paulo, consolidando sua relevância na cena artística brasileira.

Yolanda Mohalyi. Blombo, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://blombo.com/artistas/yolanda-mohalyi/?srsltid=AfmBOoplITwo_sbgthQKzOdMQehG4smYR5BPZ3d1HICGKb97vlpqzqB-. Acesso em: 15 abr. 2025.

YOLANDA Mohalyi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/1976-yolanda-mohalyi>. Acesso em: 15 de abril de 2025.



TOMIE OHTAKE

Nasceu em: Kioto, Japão, 1913

Sem título, 1960

 leo sobre tela 100 x 74,8 cm



Ohtake define-se pelo abstraccionismo. No início da década de 1960, emprega uma gama cromática reduzida, com predominância de duas ou três cores. Leva o olhar do espectador a percorrer superfícies em telas que muitas vezes lembram nebulosas. Utiliza, em algumas obras, pinceladas “rarefeitas” e tintas muito diluídas, explorando as transparências. Posteriormente, surgem em seus quadros formas coloridas, grandes retângulos, que parecem flutuar no espaço. Ao longo da década de 1960 emprega mais frequentemente tons contrastantes. Revela afinidade com a obra do pintor Mark Rothko, na pulsação obtida em suas telas pelo uso da cor e nos refinados jogos de equilíbrio. A artista explora a expressividade da matéria pictórica, mais densa, em texturas rugosas, Sugano. Após um breve período de arte figurativa, a artista define-se pelo abstracionismo. A partir dos anos 1970, trabalha com serigrafia, litogravura e gravura em metal, e, para a maioria dos críticos, esse aprendizado revitaliza sua obra pictórica. Surgem em suas obras as formas orgânicas e a sugestão de paisagens. Em obras realizadas a partir da década de 1980, emprega uma escala de cores mais quentes e contrastes cromáticos mais intensos.. Dedicase   escultura, e realiza algumas em espaços públicos. Recebe o Pr mio Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura – Minc, em 1995. Em 2000, é criado o Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Dedica-se também   escultura, e propõe intervenções em espaços urbanos, produzindo esculturas de grandes dimensões, como as “ondas” em homenagem aos oitenta anos da imigração japonesa, instaladas na Avenida 23 de Maio, em São Paulo. A artista enfatiza, em entrevistas, a importância da arte oriental, em especial a japonesa, em sua pintura, afirmando que “essa influência se verifica na procura da síntese: poucos elementos devem dizer muita coisa”. Da tradição japonesa, Ohtake diz inspirar-se na noção de tempo do “ukiyo-e” (imagens do mundo que passa), arte que revela cenas de uma beleza fugaz. Pesquisa constantemente as possibilidades expressivas da pintura: as transparências, as texturas e a vibração da luz. Declara fazer uma pintura silenciosa, como a cidade em que nasceu. Em suas obras, revela um intenso diálogo entre a tradição e a contemporaneidade.

Instituto Tomie Ohtake. Disponível em: <<http://www.institutotomieohtake.org.br/>>. Acesso em: 25 maio. 2023.

MAZÉ MENDES

Nasceu em: Laranjeiras do Sul, PR, em 1950

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Movimento IV, 1982

 leo sobre tela 80,3 x 70,5 cm

Mazé Mendes, paranaense, Bacharelado e Licenciatura pela Faculdade de Belas Artes – Unespar/ 1975. Pós-graduada em arte educação. Foi professora na Fap- Unespar de 1984 a 2008. Participa ativamente do cenário artístico no Brasil e exterior, com premiações e dezenas de exposi   es individuais e coletivas. Tem obras em acervos, de diversos museus. Nesta obra de 1982, apresento uma cabeça em movimento, que é o nome da obra. Nos anos 80, o objeto (tema) de minha pintura era a figura humana, deslocada e em movimento.

Mazé Mendes, 2025





JUSSARA FÁTIMA AGE

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1953

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

La mort des pauvres, 1997

Óleo sobre tela, 245 x 70 cm

Formada pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná – 1977. Gravadora, desenhista, pintora, objetualista e professora universitária da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Especializada em Litografia Avançada pela ECA – USP, em São Paulo/SP com Garo Andreazian, da Universidade do Novo México. Pós-Graduada em História da Arte do Século XX pela EMBAP.

AGE, Jussara. CATÁLOGO das artes. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Jussara%20Age%20-%20Ju%E7ara/>. Acesso em: 14/04/2025.

FÁBIO JABUR NORONHA

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1970

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Sem título B, 1993

 leo sobre tela 169 x 130 cm

Fábio Jabur de Noronha (Curitiba, Paraná, 1970). Artista plástico, professor. Entre 1990 e 1994, estuda na Escola de Música e Belas Artes do Paraná – Embap, formando-se em pintura. Em 1996, começa a lecionar na Embap e desenvolve a série de desenhos “Condutores de Limites”, feitos com aquarela, grafite e cera. Realiza a série “Conservadores de Carnes”, 1998, em que utiliza fotografia, desenho e pintura.

As pinturas iniciais de Fábio Noronha têm pinceladas fortes e seguras que buscam integrar massas de cor e grafismos. Em vez da gestualidade gratuita, o artista busca refletir sobre o próprio ato de pintar. Passa a utilizar telas agrupadas em módulos, formando um espaço único que deixa evidente sua materialidade com base nas fendas que surgem entre elas. Esses aspectos levam o artista a buscar relações formais internas a cada módulo, mas que provoquem novas relações em seu conjunto.

FÁBIO Noronha. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3621-fabio-noronha>. Acesso em: 15/04/2025

FÁBIO Noronha. ESCRITÓRIO de arte, 2025. Disponível em: <https://www.escrioriodearte.com/artista/fabio-noronha>. Acesso em: 15/04/2025.



MÁRIO RUBINSKI

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1933

Pintura II, 1971

 leo sobre madeira 72,5 x 85,3 cm



Artista e professor, Rubinski desenvolveu sua produção a partir de pesquisas sobre o abstrato, retornando em seguida ao figurativo,   natureza. Como fruto de seus estudos, ele criou uma temática própria voltada ao casario, arvoredo e paisagens simplificadas que remetem à arte metafísica. Em suas paisagens há apenas formas maciças, paredes e muros volumosos, com cores uniformes, sugerindo solidão e silêncio.

“Mário Rubinski é um dos artistas paranaenses mais próximos do espírito metafísico. Após várias experiências volta-se para natureza, porém, com nova bagagem – isto é – com uma sensibilidade purificada pelas pesquisas abstratas. Comungando com a est tica metafísica ‘santifica a realidade’ surgindo paisagens simplificadas, compostas sem detalhes, depuradas na forma e na cor. Harmonicamente plásticas exprimem uma profunda e complexa espiritualidade. São paisagens habitadas pelo silêncio do qual arranca um misterioso segredo. Imagina um universo evocativo onde as formas possuem uma poesia geométrica interior e essencial. O resultado é que apesar das evocações de elementos naturais existe uma total ausência do elemento material. Como nos ícones bizantinos os valores táteis de volume são inexistentes, o que importa realmente   que em sua linguagem plástica prevalecem valores estruturais simplificados, espiritualizados pela forma pura”.

Adalice Araújo

MÁRIO Rubinski. Curitiba: Museu de Arte Contemporânea do Paraná, 1982.

GOOGLE, Arts & Culture. Pintura n 1. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/painting-1-mario-rubinski/BQFjKVC4Dtyo2w?hl=pt-br>. Acesso em: 15/04/2025.

MÁRIO, Rubinski. ESCRITÓRIO da arte. Disponível em: <https://www.escrikoriodearte.com/artista/mario-rubinski>. Acesso em 14/05/2025.

PAULO VALENTE

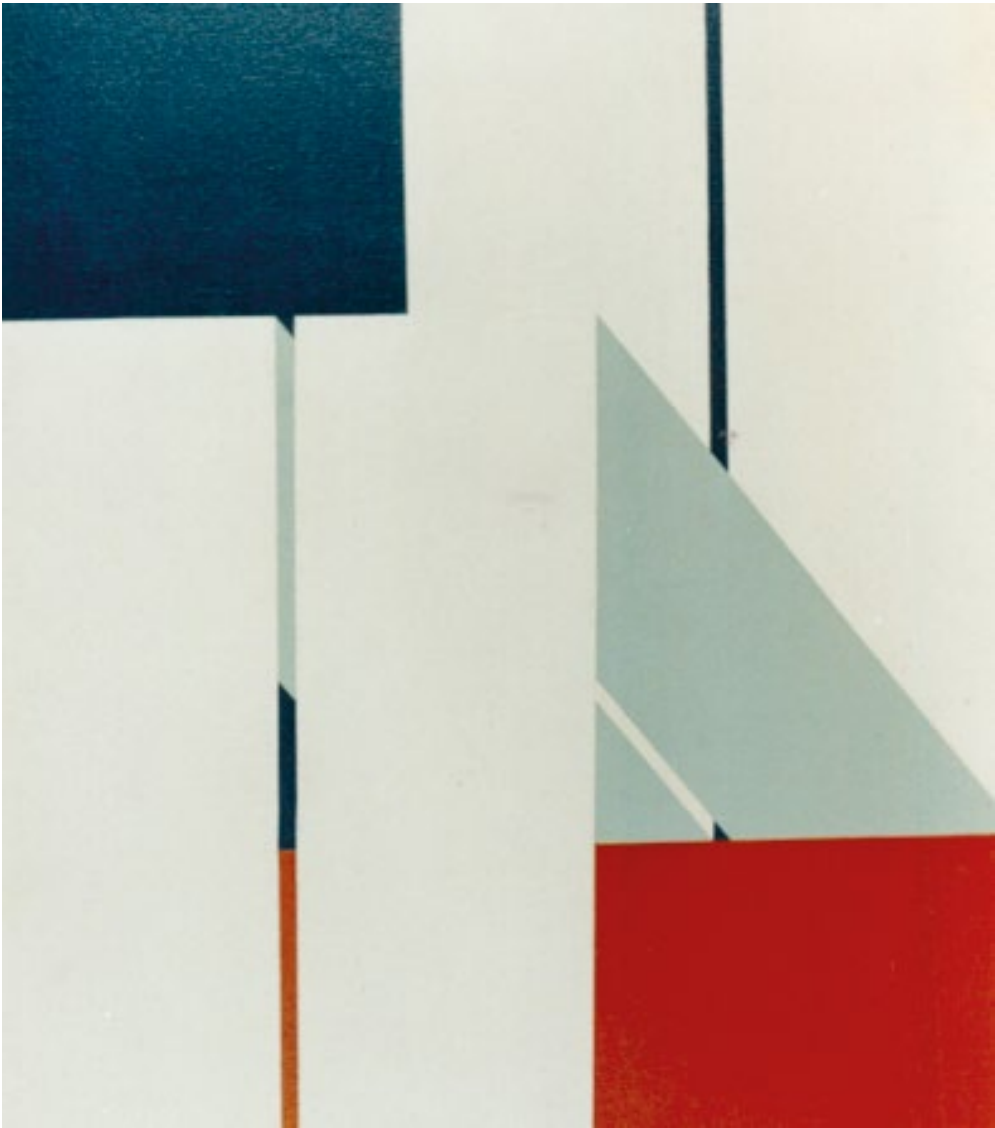
Nasceu em: Lapa, PR, em 1922

Sem título n.  8555, 1985

Acrílica sobre tela 69,8 x 59,2 cm

Paulo Valente nasceu na Lapa (PR), em 1922. Iniciou suas atividades artísticas como desenhista técnico, tendo ficado em 1.é lugar no concurso para Desenhista de Máquinas promovido pelo SENAI – Curitiba. Em 1961 inaugurou a Galeria de Arte Paulo Valente. A partir de 1980 passou a se dedicar à pintura, ao desenho artístico e   serigrafia. Em Curitiba, realizou uma exposição individual na Galeria Studio R. Krieger (1985) e na Sala Miguel Bakun (1988). Participou, entre outras, das coletivas na Galeria Acaiaca (1985) e da 4.  Mostra Coletiva da Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Paraná (1987). Faleceu em Curitiba, em 2000.

BIOGRAFIAS. MUSEU Oscar Niemeyer. Disponível em: <https://www.tourvirtual360.com.br/mon/biografias.html>. Acesso em: 15/05/2025.



RONALD SIMON

Nasceu em: Recife, PE, em 1947

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Sem título, 1987

Madeira, lâmina de metal e ac rica 150 x 103 cm

Nasceu em Recife/PE, em 1947. Formado em Desenho e Pintura pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, em 1972, e pós-graduado em Metodologia em Arte Educação pela Faculdade de Artes do Paraná em 1992. Foi diretor do Centro Juvenil de Artes Plásticas, diretor do Atelier Alfredo Andersen e professor da Faculdade de Artes do Paraná.

Pintura/Objeto

Pensando em usar as cores, mas sem ficar “preso”, ou, restrito ao suporte da tela e seus formatos tradicionais;quadrangular e retangular, pensei em pintar diferentes materiais e compor partindo de um eixo principal(madeira vertical) de forma que deixassem espaços vazados permitindo assim,que o fundo(parede)fosse parte do trabalho.

Ronald Simon, 2025

RONALD, Simon. UM pouco de arte do Paraná. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~coorhis/kimvasco/simon.html>. Acesso em: 22/04/2025.



FERNANDO BINI

Nasceu em: Rio das Antas, SC, em 1946

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Intelecto desorganizado, 1970

PVA, spray fluorescente sobre chapa de madeira, 109,5 x 80,2 cm

Como artista plástico, Fernando Bini  , no início dos anos 1970, um dos primeiros no Paraná a utilizar – no dizer de Roberto Pontual – uma linguagem pós-moderna, já que se serve, em suas pesquisas bidimensionais, de uma releitura da pop-art. Suas personagens – nus femininos – pin-up girls têm certo ar de nostalgia da pop britânica, especificamente de Peter Blake, inclusive no tratamento da fatura – mais pictórica do que linear – sugerindo o uso de aerógrafo.

A obra “Intelecto Desorganizado” (1970) faz parte de um conjunto de obras realizadas a partir do início dos meus estudos sobre semiótica e teoria da informação, associada a uma reinterpretação do movimento pop norte-americano com conteúdo questionadores encontrados em um repertório de sinais e signos que, na maioria das vezes, tem mais significado visual do que conteúdo. Aqui o conceito de liberdade e liberalização dos costumes aproveita os efeitos gráficos de impressão, associados a signos como o de mercúrio, não do elemento químico, mas do deus Mercúrio, o correio dos deuses, isto é, da “comunicação”.

Fernando A. F. Bini, 2025



SUZANA LOBO

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1944

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Poluída até certo ponto, 1971

Acrílica sobre madeira, 110,2 x 100,2 cm

Iniciou a carreira no Rio de Janeiro, em 1965. Formada pelo Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro, recebeu orientação de Iberê Camargo, Ivan Serpa e Manoel Santiago no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Já realizou inúmeras exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Possui premiações em salões oficiais e suas obras integram o acervo do Museu Oscar Niemeyer, Museu de Arte Contemporânea de Curitiba, Museu Municipal de Arte, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Museu Nacional de Belas Artes (RJ), entre outros.

A obra participou da mostra “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira”, com curadoria de Gaudêncio Fidelis, realizada no Santander Cultural de Porto Alegre.

Pela primeira vez no país, uma mostra se propôs a fazer uma leitura das artes plásticas brasileiras a partir de uma perspectiva LGBTQ, ou seja, mostrando diferentes formas como as diversidades sexuais e de g nero vêm sendo retratada e representada na nossa história. Isso é muito simbólico em um país que mata uma pessoa LGBT por dia.

A pintura retrata a uma mulher nua recebendo um fecho de luz em frente a um cenário cromático. De acordo com o catálogo da exposição “Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira”, a obra pode ser lida da seguinte forma: “o título da pintura pode referir-se ao universo ‘contaminado’ da mercadoria e da comunicação, visto que esses faróis projetam sinais e parecem consumir a identidade do sujeito”.

Quinalha, Renan. Queermuseu e o obscurantismo dos cidadãos de bem. Revista CULT, São Paulo, 13 de setembro de 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/queermuseu-e-o-obscurantismo-dos-cidadaos-de-bem/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Farah, Tatiana. Veja 30 obras da exposição censurada no Santander Cultural. Portal Raízes, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/veja-30-obras-da-exposicao-censurada-no-santander-cultural/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ME GUSTA CURITIBA. Espaço Cultural INC recebe obras de Alfi Vivern, Meg Gerhardt e Suzana Lobo. Me Gusta Curitiba, [Curitiba?], 6 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.megustacuritiba.com.br/2024/09/06/espaco-cultural-inc-recebe-obras-de-alfi-vivern-meg-gerhardt-e-suzana-lobo/>. Acesso em: 15 abr. 2025.



ANT NIO MAIA

Nasceu em: Carmópolis, SE, em 1928

Caminhantes, 1968

Tinta vinílica sobre tela, 88 x 115,2 cm

Pintor, desenhista, gravador, ilustrador. Vive a infância no interior sergipano, o que contribui para o desenvolvimento de uma temática ligada à religiosidade popular do Nordeste. Transfere-se para o Rio de Janeiro em 1955, ali exercendo a atividade de pintor e adotando como estilo o abstracionismo informal, seus signos e figuras de linguagem popular.

De início abstrato informal, explorava efeitos de textura e cores, parte em seguida, em busca de uma temática mais “sua”, vasculhando o passado e reencontra os ex-votos. Ao servir se deles como temática – o que fez pelo resto da vida em sua produção – Não praticava o ato de devoção, mas ao contrário, servia-se da realidade objetual do rito popular para transformá-la em um  cone. O substrato sócio cultural herdado não são via inconsciente coletivo, como um arquétipo, mas inclusive como um símbolo da infância, das origens nordestina, alimentando sua arte do substrato da vida popular do dia-dia.

O profundo respeito que o nordestino tem pelo ex-voto vem de um relacionamento “mágico” entre o doador e o santo de quem obteve uma intervenção milagrosa.   abandonado nas estradas ou queimado quando envelhecido porque, segundo uma crença fundamental da magia de todos os tempos, a parte   solidária ao todo.

Setor Educativo do MAC PARANÁ. Roteiro de Mediação - Exposição Anos 60/70: Um Panorama - mostra do acervo MAC Paraná, 2017. Data de consulta: 24/05/2023.



RETTAMOZO

Nasceu em: São Borja, RS, em 1948

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Gravata de fôrça, 1976

Vinílica e têmpera sobre chapa de madeira 90,5 x 110 cm

Considerado um dos artistas mais inventivos e criativos de sua geração, Retta, como é conhecido,   gaúcho da cidade de São Borja (RS), mas vive em Curitiba desde o início dos anos 1970. Transita há décadas no circuito artístico e publicitário da capital paranaense. Trabalhou como diretor de arte em agências de publicidade e criou jingles e marcas históricas no Estado. Nas artes plásticas, ganhou vários pr mios importantes, apostou no humor como forma de narrar (e viver) a multiplicidade temporal que a censura e a cultura espetacular buscavam bloquear. Grande parte do que o artista produziu esteve ligado a um trabalho sobre a dimensão temporal da existência e da produção artística.

Rettamozo não cessava de denunciar e criticar os diversos dispositivos de controle agenciados pela ditadura militar. Quando abordava a repressão, ele não fazia simplesmente uma crítica política do autoritarismo, da centralização do poder ou da censura, mas falava de uma experiência que sentiu na própria pele e que afetava sua produção artística.

AMORAES, Everton de Oliveira. "Olhar o mar como anfíbio": humor e política em Luiz Rettamozo. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 185- 214, maio/ago. 2016.

LIVRO, que aborda o universo artístico de Luiz Rettamozo   lançado. BEM, Paraná, 2018. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/cultura/livro-que-aborda-o-universo-artistico-de-luiz-rettamozo-e-lancado/>. Acesso em: 15/04/2025.



VERA SABINO

Nasceu em: Florianópolis, SC, em 1949

Vive e trabalha em: Florianópolis, SC

Desenho I, 1970

Nanquim e aguada sobre papel 70 x 100 cm

Vera Sabino tem preferência pelo folclore catarinense, além de contextualizar sua obra na cidade de Florianópolis. Autodidata, teve o primeiro contato com as tintas aos 8 anos de idade. Aos 14, ganhou o 1  lugar no Pr mio Desenho do Salão de Artes Plásticas para Novos, em Curitiba. Sua primeira exposição individual foi na Ilha de Santa Catarina, aos 18 anos. É reconhecida nacionalmente, com participação em mais de 60 exposições, sendo duas na França e uma nos Estados Unidos. A temática de seus quadros sempre foi voltada para as histórias que ouviu quando criança: “as bruxas de Cascaes, as histórias da ilha, os santos, as igrejas, as flores e as figuras femininas”. Para Vera, sua marca registrada é a técnica que utiliza, com tinta acrílica e eucatex.

Crítica de Walter de Queiroz Guerreiro:

“Vera Sabino é antes de tudo uma artista da linha, a linha é seu meio de revelar o mundo, e ao fazê-lo repete a tradição sufi, afasta um dos véus da realidade ao mesmo tempo que a recobre com outro véu, tantos quantos são a alternância luz e sombra na criação do mundo. Tudo se resume na linha, ela é o fio condutor. A que nos conduz? Ao mito revisitado. Realizando arte brux lica, Vera Sabino conduz através de metáforas visuais a inquietude dos mitos ilhéus, o desvelar de um conhecimento perdido que é o reflexo de nossos medos mais profundos, proposta iniciática de uma união criador-criatura através da natureza”

VERA, Sabino. Disponível em: <http://www.verasabino.com.br/>. Acesso em: 15/04/2025.



MARCELLO NITSCHÉ

Nasceu em: São Paulo, SP, em 1942

Costura da nuvem, 1973

 crilica, linha e tecido colado sobre tela 49,8 x 64,9 cm

Marcello Nitsche (São Paulo, São Paulo, 1942 – Idem, 2017). Pintor, artista interm dia, escultor, desenhista, gravador, professor. Inspirado pela arte pop, constroi um repertório criativo e complexo, rico em elementos gráficos, objetos tridimensionais e obras que representam os gestos da pintura.

Inicia a carreira como gravador. Logo depois, passa a se dedicar à pintura, inspirado pela linguagem da arte pop. O físico e crítico de arte Mario Schenberg (1914-1990) considera Nitsche “o mais pop dos artistas brasileiros”. Em seus quadros, apropria-se das histórias em quadrinhos, com ironia e senso de humor.

“Fascinado pelo mar, mas num nível de sofisticação formal onde mar e terra são literalmente costurados com linha preta, Marcello Nitsche reinterpreta a natureza e seus dados imediatos com elementos de choque e surpresa que for am o espectador a repensar não são a pintura, pelo que ela propõe, mas a própria natureza, com harmonia de opostos, artificialmente ‘costuramos’ como trapos cada qual com sua textura e sua realidade cromática própria, alinhavados para que os vejamos com olhos novos.” José Neistein. Washington, 1975. Texto que integra o catálogo da exposição Marcelo Nitsche – desenhos e pinturas. Galeria Arte Global Al Santos 1893. São Paulo, 1976. Documento pertencente ao Setor de Pesquisa e Documentação MAC Paraná.

MARCELLO Nitsche. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3524-marcello-nitsche>. Acesso em: 15/04/2025.



DIMITRI RIBEIRO

Nasceu em: Rio de Janeiro, RJ, em 1948

Oxalufan / propiciação, sem data

Madeira, tecido, plástico e alumínio 62 x 62 x 8,7 cm

Expõe coletivamente desde 1964, individualmente iniciou em 1976 na Galeria da Aliança Francesa do Botafogo-Rio; 1977 na Galeria Macunaíma – Rio e MAC/Pernambuco – Olinda, 1984 no Museu Nacional de Belas Artes – Rio, além de outras. De suas participações destacam-se a Mostra de Artes Visuais sobre o Carnaval-MEC(76) XXII Salão Nacional de Arte Moderna – Rio (74); XIV Bienal Internacional de São Paulo (77); I Salão Carioca de Artes Plásticas-Rio(77) Obteve vários pr mios, entre eles a Medalha de Bronze-LXXVIII Salão Nacional de Belas Artes MEC(73), 1.  Pr mio em Desenho – Salão Nacional Universitário de Artes Plásticas(76); Pr mio Aquisição – III Concurso Nacional de Artes Plásticas CEF Goiás (76); 1.  Pr mio Viagem   Bahia-II Salão Nacional de Artes Visuais da Casa da Bahia (77), Pr mios de Aquisição-34. , 35. , 36.  Salão Paranaense (77, 78, 79).

Candomblé e macumba são manifestações de rua, o rito católico   de interiores. E Dimitri apazigua uma fabulação explosiva para apresentá-la entre quatro paredes. Sua proposta é de apropriação e recriação. A coleta que realiza tem valor etnológico impacto que produz atinge o nível de arte – arte solene e silenciosa nos seus alguidares estriados de vermelho-sangue sobre pedestais. Mas há a  uma obediência e conceitos rígidos, conflitantes com a fonte da proposta. Acredito, porém, que em breve Dimitri Ribeiro vai se libertar dos preconceitos de arte para ingressar num plano mais abrangente, onde serão colocados todos os valores mentais e sensíveis que fazem a arte.

Francisco Bittencourt, Julho de 1977

YRetirado da pasta do artista. Acervo MAC PR. Consultado em: 23/04/2025

Oxaluf  é uma qualidade de Oxalá, o Orixá da paz e da criação, na religião do Candomblé. Ele é representado na sua forma mais velha e sábia, um ancião que carrega um cajado de metal (opaxor ). Oxaluf  é associado à paz,   paciência e   tranquilidade, e seu dia da semana é a sexta-feira, quando se veste de branco em respeito a ele. Podemos observar na obra alguns elementos que dizem respeito ao **culto e oferendas para Oxaluf **:

Ib  (assentamento): um Ib  de Oxaluf    construído com materiais brancos, como porcelana ou louça, e   um espaço sagrado para a adoração;

Oferendas: algumas das oferendas comuns são canjica com mel e algodão;

Vestimenta: roupas ou peças brancas são usadas para honrar Oxaluf , especialmente às sextas-feiras.

Junto a **Oxaluf **, temos a palavra propiciação que, de acordo com o dicionário, significa ação ou ritual com que se procura agradar uma divindade, uma fôrça sobrenatural ou da natureza etc., para conseguir seu perdão, seu favor ou sua boa vontade.





JOSÉ ANTONIO LIMA

Nasceu em: Sacramento, MG, em 1954

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Sem título, sem data

Instalação com pasta de papel e pigmento sobre tela de arame, 4 m 

Brasileiro do município de Sacramento, Minas Gerais, em 1955, vive em Curitiba, Paraná, desde os 9 anos. Formou-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, em 1979. Atuou como repórter e fotógrafo de jornais e revistas do Paraná. Sua primeira exposição foi realizada em Maringá, Paraná, em 1987. José Antonio de Lima sempre gostou de amassar diversos materiais, misturar, modelar, pintar, costurar ou esculpir com papel e arame, com tecido, com terras ou limalhas de ferro: o poético é algo que surge no silêncio do interior do artista e assim, um dia, estas formas que no momento anterior, tinham saído do plano para o espaço tridimensional da escultura e dos volumes, quiseram alçar voo.

JOSÉ, Antonio de Lima. APRESENTAÇÃO. Disponível em: <https://www.joseantoniodelima.com/apresentaopresentation>. Acesso em: 14/04/2025.

DULCE OSINSKI

Nasceu em: Irati, PR, em 1962

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

O segundo guardião dos anjos, 1990

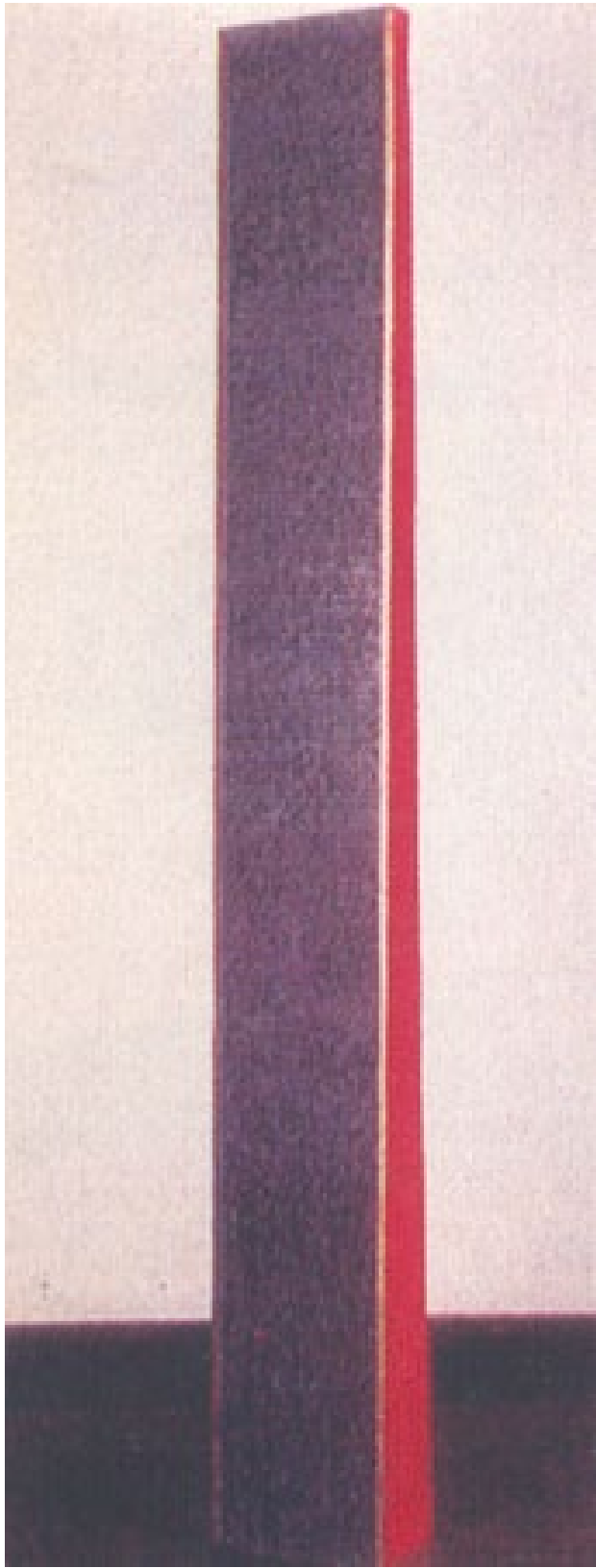
 leo sobre tela 100 x 99,9 cm.

Pesquisadora e artista plástica graduada em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1983), realizou estágio de p s-graduação na Universidade Jagiellonski e na Academia de Belas Artes de Cracóvia, Pol nia (1985-1987). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1996), com doutorado em Educação pela mesma instituição (2006). Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). Foi professora do Departamento de Artes (1990 a 2018), e atualmente integra, como docente, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Lidera o Grupo de Pesquisa História Intelectual e Educação – GPHIE (CNPq). Como artista plástica, possui obras em acervos de instituições no Brasil e exterior, tendo realizado exposições em instituições no Brasil e no exterior e conquistado diversos pr mios. Tem experiência nas áreas de Educação e Artes, com ênfase em História da Educação e Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação em arte, história dos intelectuais e artes plásticas (pintura, desenho e gravura). Autora dos livros: “Arte, História e Ensino: uma trajetória” (2001) e “A modernidade no s t o: educação e arte em Guido Viaro” (2008). Participou como organizadora dos livros “Festival de Inverno da UFPR: 11 anos de cultura, arte e cidadania” (2002) e “Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980” (2015), e dos quatro volumes da coleção “História Intelectual e Educação” (entre 2015 e 2018).

O “Segundo guardião dos Anjos” faz parte de um tríptico que continha a pintura de um anjo no centro e dois bichos, um de cada lado. O outro bicho faz parte do acervo do MAC. Esse conjunto conquistou o pr mio aquisição “Museu de Arte Contemporânea do Paraná” no 47.  Salão Paranaense em 1990. Esse trabalho faz parte de uma série intitulada “Anjos e Bichos”, que desenvolvi no período. A ideia era contrapor dois elementos simbólicos: o anjo simbolizando o desejo humano de transcendência espiritual, e os bichos simbolizando a vida terrena. Desta forma, busquei embaralhar os estereótipos, pois os anjos não são tão angelicais, e da mesma forma os bichos não são propriamente assustadores. Há ironia nessas representações, que refletem sobre a natureza humana.

Dulce Osinski, 2025.





LEILA PUGNALONI

Nasceu em: Rio de Janeiro, RJ, em 1956

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Código, 1994

Acrílica fosca e fosforescente sobre tecido e madeira 199,5 x 25 x 15 cm

Nascida no Rio de Janeiro em 1956, Leila Maria de Abreu Pugnaroni desde cedo demonstrou um profundo interesse pelas artes visuais. Iniciou sua formação artística em Curitiba, em 1976, no Atelier do Museu Alfredo Andersen, onde aprofundou seus conhecimentos em história da arte e desenho. A inquietação artística a levou a ampliar seus estudos na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Com uma trajetória consolidada, Leila Pugnaroni já expôs suas obras em diversas cidades do Brasil e do mundo, incluindo Nova York, Ohio e Helsinki. Ao longo de sua carreira, realizou mais de 40 exposições coletivas e 20 individuais, além de ilustrar diversos livros. Em 2023, marcou um novo capítulo ao inaugurar a exposição individual “Tela” no Museu Oscar Niemeyer de Curitiba, um marco em sua trajetória.

Além de sua produção artística, Leila Pugnaroni também fundou a Escola de Arte Leila Pugnaroni, onde compartilha seus conhecimentos e experiências com novos artistas. Suas obras fazem parte de importantes acervos, como o Museu de Arte do Rio (MAR), e a artista já foi contemplada com prêmios como o Salão Paranaense.

Em 2024, Leila continua a explorar novas possibilidades, trazendo novas cores em uma série de pequenos formatos e com tons mais leves, explorando as paletas dos tons pastel e desenhos sobre telas.

PUGNALONI, Leila. A Artista. Leila Pugnaroni, Curitiba, PR, [s. d.]. Disponível em: <https://leilapugnaroni.com.br/a-artista-leila-pugnaroni/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

POTY LAZZAROTTO

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1924

Desenho, 1974

Nanquim e aguada sobre papel 69 x 52 cm

Napoleon Potyguara Lazzarotto, artisticamente conhecido como Poty, nasceu em Curitiba, Paraná, em 29 de março de 1924. Ele foi um artista multifacetado, atuando como desenhista, gravurista, ilustrador, muralista e ceramista.

Desde cedo, Poty demonstrou interesse pelo desenho, sendo incentivado por seu pai. Em 1942, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estudou pintura na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e gravura no Liceu de Artes e Ofícios. Em 1946, com uma bolsa do governo francês, estudou litografia na  cole Supérieure des Beaux-Arts em Paris.

Poty teve uma vasta produção artística, que inclui ilustrações para livros de renomados autores brasileiros como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Jorge Amado, além de criar histórias em quadrinhos no início de sua carreira. Ele foi um importante divulgador da gravura no Brasil, ministrando cursos em diversas cidades.

Destacou-se também na arte mural, com obras importantes como o painel “Alegoria ao Paraná” na fachada do Palácio Iguaçu em Curitiba (1953), o “Monumento ao Primeiro Centenário do Paraná” (1953), e o painel para o Memorial da América Latina em São Paulo (1988). Em Curitiba, diversas de suas obras podem ser encontradas em espaços públicos, como os painéis na Travessa Nestor de Castro e no Teatro Gua ira.

Em 1967, viajou para o Xingu com os sertanistas Orlando Villas Boas e Noel Nutels, onde realizou cerca de 200 esboços sobre os hábitos e costumes indígenas. Realizou exposições individuais no exterior, em Bruxelas, Londres e Washington.

Seu último trabalho foi uma ilustração para um cartaz do Hospital de Clínicas em Curitiba, sobre a importância da doação de  rg os. Poty Lazzarotto faleceu em Curitiba em 8 de maio de 1998, e seu legado foi reconhecido em 2014 com o tombamento de suas obras em espaços públicos como Patrim nio Cultural do Paraná.

Nessa  poca, Poty já era um artista estabelecido, conhecido por suas ilustrações, gravuras e murais. Seus desenhos frequentemente serviam como estudos para obras maiores ou como trabalhos independentes, carregando sua assinatura estilística de traços firmes e expressivos.

Enciclopédia Itaú Cultural: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/506-poty-lazzarotto> - Oferece uma biografia detalhada, informações sobre suas obras e eventos relacionados.

Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Poty_Lazzarotto - Apresenta um resumo da vida e obra do artista.

Prefeitura de Curitiba: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/saiba-quem-foi-poty-lazzarotto-o-curitibano-que-deixou-um-legado-nas-artes-visuais/72853> - Artigo sobre o legado do artista em Curitiba.

Museu Oscar Niemeyer (MON): <https://www.museuoscarniemeyer.org.br/> - Informações sobre exposições e o acervo de Poty Lazzarotto no MON.





HELENA MARIA BELTRÃO DE BARROS

Nasceu em: Rio de Janeiro, RJ, em 1937

False portrait of beatas imaginárias, 1968

Guache sobre papel, 70 x 55,3 cm

Pintora e desenhista. Helena Maria Beltrão de Barros (1937: Rio de Janeiro, RJ).

“(...) Imaginação e poder inventivo, domínio do material que usa, um traço vigoroso, quase músculo, e ao mesmo tempo sensível – estas são algumas das qualidades (de Helena Maria) (...) São trabalhos pessoais, magnificamente realizados, reflexos de um mundo poético criado pela artista.” (Marc Berkowitz, apud Carlos Cavalcanti, Dicionários Brasileiro de Artistas Plásticos, MEC/ INL1973-77). 1957 – Estudou pintura com Frank Shaeffer, no Rio de Janeiro. 1959 – Cursou gravura com Iberê Camargo, no Rio de Janeiro. 1961 – Ilustrou o livro Targo, o cachorro do Circo Samy, de Armando de Oliveira Santos. 1963 – Ganhou o pr mio de desenho na coletiva Arte Atual de América e Espanha, que lhe concedeu viagem à Europa. 1964 – Aperfeiçoou-se na Espanha e em outros países europeus.

HELENA, Maria Beltrão. GUIA das artes. Minas Gerais, S/Data. Disponível em:
<https://www.guiadasartes.com.br/helena-maria-beltrao-de-barros/obras-e-biografia>. Acesso em 11/08/2025.

BERNARDO CARO

Nasceu em: Itatiba, SP, em 1931

Mulher x garrafa em marrom, 1971

Xilogravura sobre papel P.A. , 51,5 x 70 (54 x 74) cm

Bernardo Caro (Itatiba, São Paulo, 1931 – Campinas, São Paulo, 2007). Pintor, gravador, desenhista, escultor, cineasta, fotógrafo, educador e professor. Muda-se para Campinas em 1933. Atua como professor secundário em diversas escolas estaduais do interior de São Paulo, entre 1954 e 1971. No mesmo ano integra, como gravador, o Grupo Vanguarda, em Campinas.

Os trabalhos iniciais de Bernardo Caro, nos anos 1960, concentram-se na xilogravura. A produção desse período re une exemplos de obras alinhadas com mais de uma tendência. Como observado pelo crítico Mário Schenberg (1914-1990), Caro faz em 1964 uma série de xilogravuras tendendo ao realismo fantástico, mas ainda mostrando afinidade com a geometria, caso de “Composição D.”

Numa outra série da mesma época, a tendência   fantasia já se desprende da forma geométrica abstrata, enfatizando traços de aparência orgânica, como em “Enigmas II” e “Enigmas III”, de 1965.

Há, além disso, trabalhos ligados à abstração informal, exemplificados por “Gravura VII”, de 1966. No fim dos anos 1960 e início da década de 1970, Caro realiza xilogravuras que se ligam à linguagem da arte pop. Algumas misturam cultura de massa e engajamento social, como “Homens/Protesto”, de 1967.

Durante os anos 2000, realiza uma extensa série de pinturas intitulada “Neon dio”. Nesses trabalhos, figuras de mulheres sugeridas por linhas esquemáticas dividem a tela com cópias de mulheres presentes em obras-primas da história da arte, como “Maja Desnuda de Goya”, de 2003.

BERNARDO Caro. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3466-bernardo-caro>. Acesso em: 11/04/2025



RONES DUMKE

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1949

O ardil, 1980

Lápis de cor sobre papel, 69,9 x 99,6 cm

Pintor e desenhista, Rones Dumke nasceu em Curitiba em 1949 onde atualmente vive. Frequentou o atelier de Carlos Scliar. Participou do 28.  e 30.  Sal es Paranaenses recebendo o Pr mio Secretaria da Cultura como Melhor Artista Paranaense no 37.  Salão de 1980. Em 1976 exhibe mostra individual na Galeria Paulo Prado em são Paulo e, a convite de Roberto Pontual, expõe sua obra no Arte Agora I, no Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro. Também como convidado, participa da mostra “Artistas do Brasil” na embaixada do México em Brasília em 1979. Em julho do mesmo ano recebe o Pr mio MAC – Museu de Arte Contemporânea do Paraná na 1.  mostra do desenho brasileiro (SEC/DAC – Curitiba). Uma sala especial foi-lhe dedicada por Ennio Marques Ferreira em 1980 por ocasião da II mostra do desenho brasileiro.

RONES, Dumke. GUIA das artes. Minas Gerais. 2025. Disponível em: <https://www.guiadasartes.com.br/rones-dumke/biografia>. Acesso em: 11/04/2025.



KENICHI KANEKO

Nasceu em: Yokohama, Japão, em 1935

Vive e trabalha em: Cotia, SP

Oração, 1966

 leo sobre tela 130 x 100,2 cm

Ator e artista visual. Formado pela Escola de Belas Artes “Chu  Bijutu Gakuem – Tóquio – Japão. Em 1963 participou da 7.  e 9.  Bienal Internacional de São Paulo. Foi premiado em alguns salões como: Salão Seibi, Salão São Caetano, do Sul e Salão Paraná. Remanescente do Grupo Seibi, fundado por artistas japoneses como Tomie Ohtake e Manabu Mabe. “Não sou figurativo, nem abstrato. Expresso em minhas telas as informações que recebo do mundo”, confessa.

KENICHI, Kaneko. ESCRITÓRIO de arte. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/kenichi-kaneko>. Acesso em: 14/05/2025.





FRANCO GIGLIO

Nasceu em: Dolceacqua, Itália, em 1937

Casal, 1974

Aquarela, nanquim e acrílica sobre papel fotográfico, 110 x 75 cm

Franco Giglio nasceu em Dolceacqua, Itália, em 17 de junho de 1937. Desenhista, pintor e muralista. Autodidata. Chega ao Brasil em 1956, fixando-se no Rio de Janeiro, onde trabalha na redação da revista "Il Mondo Italiano", época que começa a desenhar. Colabora então com o muralista Antonio Mucci na execução de painéis em mosaico em Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo. Fixa-se em Curitiba em setembro de 1959, estabelecendo-se como mosaicista, profissão que, com o correr dos anos, o coloca entre os mais importantes profissionais do país.

PAINEI, Franco Giglio. TRIBUNAL de justiça do estado do Paraná. Disponível em: https://www.tjpr.jus.br/museu/-/asset_publisher/51Sv/content/painel-franco-giglio/397262. Acesso em: 14/04/2025.

VICENTE JAIR MENDES

Nasceu em: São José do Rio Pardo, SP, em 1938

Sem título, 1971

Nanquim e aquarela sobre papel 50 x 70 cm.

Vicente Jair Mendes nasceu em São José do Rio Pardo, São Paulo, em 1938, mas radicado na capital paranaense. Foi um artista plástico, pintor admirado nos meios artísticos e culturais. Com uma longa e consistente trajetória, realizou mais de 30 exposições individuais em Curitiba e cerca de 100 em outras cidades do Brasil e internacionalmente, incluindo Argentina, México, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Itália e França. Em 1980, fez estágios no Centre Georges Pompidou em Paris e na Academia di Brera em Milão, e posteriormente dirigiu a Fundação Cultural de Joinville e o Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC Paraná) entre 2003 e 2005. Em 2015, expôs “Novos Desenhos” no Museu Guido Viaro em Curitiba, mostrando trabalhos recentes e outros de 1981, sendo reconhecido como um mestre da pintura que consistentemente trabalhou dentro de correntes figurativas, demonstrando vigor nas formas e linhas e um conhecimento da história da arte e dos materiais, com suas obras por vezes evocando uma qualidade poderosa e rigorosa. Vicente Jair Mendes faleceu em Curitiba em 15 de março de 2025, aos 82 anos.

A obra “Sem título, 1971” apresenta figuras humanas, objetos ou cenas reconhecíveis, mesmo que estilizadas ou com uma interpretação pessoal do artista. Não há menções específicas a obras com conteúdo sexual ou a uma relação declarada do artista com essa temática nas fontes acessíveis.   possível que tal aspecto não tenha sido um foco central em sua produção artística ou que as fontes disponíveis não detalham essa faceta de sua obra.

Morre Jair Mendes, artista que revolucionou a festa dos bumb s de Parintins | CNN Brasil. CNN Brasil, 15 mar. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/norte/am/morre-jair-mendes-artista-que-revolucionou-a-festa-dos-bumbas-de-parintins/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Jair Mendes - Enciclopédia Itaú Cultural. Enciclopédia Itaú Cultural, 04 dez. 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2460-jair-mendes>. Acesso em: 15 abr. 2025.

Fundação Cultural de Curitiba lamenta a morte do artista plástico Jair Mendes - Notícia. Fundação Cultural de Curitiba, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fundacaoculturaldecureitiba.com.br/institucional/noticias/fundacao-cultural-de-curitiba-lamenta-a-morte-do-artista-plastico-jair-mendes>. Acesso em: 15 abr. 2025.



GUIMA

Nasceu em: Taubaté, SP, em 1927

As tentat es de Santo Antão do Rio de Janeiro, 1966

 leo sobre tela, 80,4 x 100,9 cm

Luís Moreira Castro Toledo de Souza Guimarães (Taubaté, SP, 26 de março de 1927 — 30 de outubro de 1993), conhecido como Guima ou Guima Pan, foi um pintor, desenhista e gravador brasileiro.

Guima era assim: agitado, imprevisível, desprendido, despachado, revoltado com o mundo materialista que o sufocava. No catálogo de sua exposição individual realizada no Salão Portinari, na Praça Roosevelt, em dezembro de 1978, ele me escreveu: “Ludmila: Uma luz brilhou na minha cuca: acredito que o catálogo que mandei foi censurado. Explico: No verso do envelope cole  algumas notícias de jornal sobre os problemas ANISTIA E VENDA DA AMAZÔNIA, essas coisas ainda passíveis de AI-5... Como quero que você receba este, não vou colar nada no envelope. Al s, estou mandando daqui mesmo, do correio ao lado da exposição. Abraços”. GIMA/78

GUIMA. ARREIMATE arte. Disponível em: <https://www.arrematearte.com.br/artistas/guima-1927>. Acesso em: 14/05/2025.



ALBERTO MASSUDA

Nasceu em: Cairo, Egito, em 1925

Figuras e animais, 1966

 leo sobre tela, 72,6 x 60,2 cm.

Alberto Massuda (Ibrahim Massouda)   um artista plástico nascido no Egito e brasileiro naturalizado, radicado em Curitiba. Estudou Belas Artes e Pedagogia Artística no Cairo. Desde jovem participou ativamente do cenário artístico egípcio, sendo membro do Group de L'Art Contemporain e signatário da Primeira Declaração do Grupo de Arte Contemporânea do Cairo que enfatizava a profunda conexão entre arte e filosofia moderna. Depois de uma estadia de quase três anos em Roma, Itália, chegou ao Brasil em 1958, escolhendo Curitiba/PR como residência. Tornou-se Cidadão Honorário de Curitiba em 1982. Integrou-se ao movimento de renovação das Artes Plásticas do Paraná, sendo logo premiado com a Medalha de Prata no 16  Salão Paranaense. Desde 1960 participou de quase todas as grandes promoções culturais oficiais do Paraná. Em 1966, junto com  lvaro Borges, Ren  Bittencourt e  rico da Silva formou o Grupo Um, grupo artístico de Curitiba/PR. Foi homenageado com o nome da Praça Alberto Massuda em Curitiba/PR.

YoAlberto Massuda. Wikipédia, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alberto_Massuda#:~:text=Estudou%20Belas%20Artes%20e%20Pedagogia,entre%20arte%20e%20filosofia%20moderna.. Acesso em: 15/04/2025.



RAUL CRUZ

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1957

Sem título II, 1984

Acrílica sobre tela, 70,9 x 160 cm

Nascido em Curitiba no dia 15 de fevereiro de 1957, Raul Borges da Cruz morou durante parte da infância e adolescência em Paranaguá, e em 1977 retornou para a capital paranaense, a fim de estudar na EMBAP. Mas, descontente com o curso de Pintura e Licenciatura em Desenho, abandonou a Faculdade em 1980 e, em seguida, começou uma carreira artística, expondo sua produção visual. Sem deixar de produzir individualmente, Cruz participou de algumas formações coletivas nas áreas das artes visuais e performativas, grupos que eram compostos por seus colegas da Faculdade e por sua ampla rede de sociabilidade.

Com personalidade inquieta, Raul atuou como desenhista, pintor, gravurista, proponente de performances, cenógrafo, dramaturgo e diretor teatral – mas, segundo Foca Cruz, ele “preferia ser chamado de pintor e não de artista plástico, pois esse termo era por demais genérico e já degradado”.

(...) características da poética visual do artista, que teve o “ser humano como tema central”, representado sobretudo por figuras que revelam o lado trágico e existencialista da humanidade, temática constante nas diferentes linguagens em que Raul Cruz produziu. Isso pode ser observado em boa parte dos personagens divergentes da normatividade representados pelo artista em contextos conflituosos.

MALINSKI, André Americano. Retratos infames : Personagens representados pictoricamente por Raul Cruz na década de 1980 em Curitiba. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, p. 17-18.



PIETRINA CHECCACCI

Nasceu em: Taranto, Itália, em 1941

Vive e trabalha em: Rio de Janeiro, RJ

João amava Maria, 1969

Vinílica sobre tela, 86 x 112,7 cm

Sou uma artista do século XX com um pezinho no XXI. Dediquei minha vida   arte e já sabia disso aos 5 anos de idade. Para tal me preparei em estudos, técnicas, pesquisas, outras artes, filosofias, história e tudo mais no conhecimento e questionamento do progresso do mundo. Artistas são os críticos e astrólogos da vida de seu tempo. Na obra de todos eles está a resposta ao seu mundo.

Levei uma vida profissional de arte, s ria, constante, livre e original que hoje me premia sendo reconhecida em tudo que fiz, em ser obra de minha autoria. Sempre fui livre. Sabia que era figurativa e para tal, não   abstrac o. Não a modas e correntes estrangeiras. O meu caminho, sempre e somente o meu caminho. Desde o começo abordando o ser humano e a condi o feminina. Respeito e cuidados   obra, honestidade por frutificar o “DOM” e a alegria ao conferir o passado e poder dizer “SIM”.

Pietrina Checcacci, 2025

Anos setenta. Tinha trinta anos no corpo e 11 na estrada profissional de arte: o ser humano e principalmente a figura feminina como principal tema e referência na pintura e na escultura.

Escolhas que me acompanham até hoje nos meus 83 felizes anos: a questão feminina abordada est tica e socialmente, num caminho sempre renovado, coerente e crítico, demonstrando e questionando o femeo (que engloba mulheres e homens) num mundo paternalista e PATRIARCAL.

Vinha de fases de pinturas a óleo expressionistas e sombrias e ao limpar a palheta passei para tintas ac ricas e vinílicas, na série dos estandartes onde as pinturas não tinham chassis.

Na volta à tela aconteceram as cores limpas e vibrantes de um mundo jovem, alegre, brincalhão e descompromissado. O mundo de então. Casais, mulheres de biquíni ou em closes flutuando em praias e bosques entre cornuc pias, guirlandas, arabescos, frutas e flores.

Corpos agora mostrados em ângulos distorcidos ou deformados pela perspectiva como numa foto de câmara grande angular e a questão feminina em destaque nas longas unhas pintadas de vermelho. Seios, ancas, coxas, bocas e narig es. L  no fundo o homem, ainda presente.

Continuava na minha assinatura pelo sobrenome, pois eram tempos difíceis para artistas mulheres. Eram descartadas por princípio. A partir de então começavam sucessos e reconhecimentos.

Pietrina Checcacci, 2025



ANTONIO HENRIQUE AMARAL

Nasceu em: São Paulo, SP, em 1935

Brasilliana III, 1968

 leo sobre chapa de madeira, 85 x 122 cm

Pintor, gravador e desenhista. Antonio Henrique Abreu Amaral nasceu em São Paulo (SP), em 1935; iniciou sua formação artística na Escola do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – Masp, com Sambonet, em 1952. Em 1956, estuda gravura com Lívio Abramo no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP.

O trabalho de Ant nio Henrique Amaral tem um caráter cíclico, movido pela compulsão de recriar a representação de objetos simbólicos, o artista extrapola a imagem bidimensional das formas, utilizando-se da técnica pictórica do claro/escuro aplicado às bordas dos objetos. As formas rompem a delimitação dos quadros, e as cores, em oposição contrastam os objetos est ticos dos objetos que se expandem fora da tela.

Radha Abramo

ANTONIO Henrique Amaral. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2059-antonio-henrique-amaral>. Acesso em: 11/04/2025.



DANÚBIO GONÇALVES

Nasceu em: Bagé, RS, em 1925

Realmente, 1973

Acrílica sobre tela, 110 x 89,8 cm

Danúbio Villamil Gonçalves (Bag , Rio Grande do Sul, 1925 – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2019). Gravador, desenhista, pintor e professor. Com engajamento e precisão técnica, retrata o cotidiano, o trabalho e os costumes gaúchos. A atividade artística de Danúbio Gonçalves tem relação estreita com o seu engajamento político. Ao lado de outros artistas, visita países do bloco comunista, rejeita a Bienal de São Paulo e o abstracionismo e defende uma arte regional, de cunho social, próxima do realismo socialista. Sua produção mais característica consiste em xilogravuras, sobretudo a dos anos de 1950, momento em que retrata camponeses e trabalhadores, seus cotidianos e suas festas. Algumas obras enfatizam eventos, instrumentos, danças e roupas t picas, como “Festa do Mundo” (1953).

DANÚBIO Gonçalves. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2715-danubio-goncalves>. Acesso em: 14/04/2025



CARLOS AUGUSTO DA SILVA ZILIO

Nasceu em: Rio de Janeiro, RJ, em 1944

Vive e trabalha em: Rio de Janeiro, RJ

Ferro - fere, 1973

Acrílica sobre tela 100 x 200,2 cm

Carlos Augusto da Silva Zilio (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1944). Artista plástico, pintor, professor. Autor de uma vasta e diversificada obra marcada pelo engajamento político e pela experimentação est tica.

Ingressa no Instituto de Belas Artes da Guanabara, no Rio de Janeiro, em 1962. No ano seguinte, começa a estudar pintura com Iberê Camargo (1914-1994) no Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro. Na segunda metade da década, nos anos que sucederam ao golpe de 1964, cursa psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), formando-se apenas em 1973, após dois anos preso por causa de seu envolvimento na luta armada contra a ditadura militar. Em razão da perseguição política, muda-se como exilado para Paris, onde permanece até concluir o doutorado em artes na Universidade de Paris VIII, em 1980.

Artista paradigmático da geração de 1960, Carlos Zilio é autor de uma produção importante do ponto de vista político, mas que deve ser considerada também pelas transformações que promove no campo artístico. Com um itinerário est tico que intercala e justapõe diversos sistemas plásticos, ele produz uma obra na qual está condensada n  s  a historicidade das próprias experimentações, mas também o diálogo permanente com a história da arte.

Sobre Ferro – Fere:

“Este trabalho foi realizado em um momento político do Brasil marcado pela opressão e o obscurantismo capitaneada pela ditadura militar após o golpe de 1964. Trata de uma situação de violência e tensão. Refere-se indiretamente, ainda,   máquina da repressão e da tortura utilizada como instrumento do estado na sua luta aos que lhe faziam oposição. ‘Quem com ferro fere, com ferro será ferido’, diz o ditado, mas não foi o que ocorreu no Brasil onde os torturadores escaparam de um devido processo criminal.”

Carlos Zilio, 2021.

CARLOS Zilio. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/382-carlos-zilio>. Acesso em: 15/05/2025.



HUMBERTO ESPÍNDOLA

Nasceu em: Campo Grande, MS, em 1943

Vive e trabalha em: Campo Grande, MS

O golpe, 1980

 leo sobre tela, 110 x 190 cm.

Humberto Augusto Miranda Espíndola (Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 1943). Pintor, desenhista. Destaca-se pela produção artística que parte do tema do boi, símbolo da riqueza da sua região.

Volta-se a temáticas regionais e produz pinturas inspiradas na bovinocultura. A série “Bovinocultura”, iniciada em 1968, realiza um retrato sarcástico da sociedade do boi, que é principalmente moeda e símbolo de poder.

Alguns quadros do artista possuem um sentido simbólico, com a utilização das cores da bandeira brasileira. Em outros, emprega crachás e medalhas, que remetem a exposições agropecuárias. Como nota o crítico Frederico Moraes (1936), Espíndola humaniza o boi, para denunciar a vontade de poder do ser humano, como ocorre em “O tirano” (1984). Já na série “Arqueologia do boi – Boi branco” (1993) destaca-se o uso de tonalidades rebaixadas e o caráter mágico. O artista realiza posteriormente gravuras geradas e coloridas em computador, nas quais obt m grande potência no colorido, como em Vaca escada (2001).

Representante da região onde nasceu, Humberto Espíndola acaba por ser um dos principais artistas visuais da sua geração e ajuda a divulgar a cultura do Mato Grosso do Sul muitas vezes a partir de uma postura crítica. Com obras expostas no Brasil e no exterior, o artista contribui para a descentralização da produção artística brasileira contemporânea, concentrada majoritariamente no sudeste.

HUMBERTO Espíndola. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2159-humberto-espindola>. Acesso em: 22/04/2025.





ELIANE PROLIK

Nasceu em: Curitiba, PR, em 1960

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Lanterna, 1993

Ferro, 210 x 95 x 60 cm

Eliane Prolik trabalha com esculturas, objetos, instalações e vídeos. Graduada em pintura, com especialização em história da arte do século XX pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1981 e 2000). Estuda na Accademia di Belle Arti di Brera em Milão (1985-86) e na Universidade Federal do Paraná cursa filosofia (1980-81). Integra a Bienal de Curitiba (2015 e 2017); 19.^a e 25.^a Bienal Internacional de São Paulo (1987 e 2002); I Bienal do Mercosul, Porto Alegre (1997); Bienal Brasil Século XX, FBSP (1994); Panorama da Arte Brasileira, MAM-SP (1995 - Prêmio e 1991). Exibe nas mostras: Sinalítica, MusA – UFPR (2017); A Cor do Brasil, MAR-RJ (2016); Arr, Espaço Cultural BRDE Curitiba (2015); O Estado da Arte e PR/BR, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba (2010 e 2013) e O Espaço Aberto, Caixa Cultural Brasília (2011). Realiza individuais recentes: Aqui Semáforo no Projeto Infiltrações, Solar do Barão em Curitiba (2018); Pra Que, Pinacoteca de São Paulo (2017); Mudanças, Centro Cultural Sistema FIEP (2016); Matéria do Mundo, Museu Oscar Niemeyer (2014); Atravessamento, Museu Municipal de Arte de Curitiba

(2012); Sim Galeria (2011); Tuiuiú no Projeto Octógono, Pinacoteca de São Paulo (2004) e Capulus, Centro Universitário Mariantonia - USP, São Paulo (2003).

A obra “Lanterna”, de 1993, recebe prêmio no 50.º Salão Paranaense, e desde então, é destinada, em doação, ao acervo do MAC-PR. Do conjunto exposto no referido Salão constam três obras: “Lanterna, Umbigo (Depois, Meio, Início e Antes)” e “Arquear “(anteriormente “Sem Título”, em 1994, quando a obra participa da Bienal Brasil Século XX, FBSP, recebe o nome de “Arquear”).

Em minha arte, uma das questões pertinentes é o feminino, sua natureza e materialidade corpórea, experiências, discursos, simbologias e inserções. “Lanterna” é uma escultura com escala humana que formula um expressivo vazio, um lugar-útero. Trata-se de um espaço aberto, que apresenta a noção de perpetuidade, túnel ou passagem que ocorre entre as mulheres ao gerarem-se umas às outras ad infinitum, geram vidas. Uma das referências para a artista para o título da obra é o filme chinês “Lanternas Vermelhas”, outra é o nascimento de sua primeira sobrinha Olivia, ou seja, a chegada de uma nova geração de mulheres.

Seu vazio é significativo, é prenhez, um lugar múltiplo, instalação ou instauração (citando um termo cunhado por Tunga) a ser ocupado pelo espectador seja pela projeção de seu corpo por meio do olhar ou efetivamente quando seu corpo está dentro da escultura (claro, com cuidados ou restrições perante a grande solicitação do público em exposições).

A obra configura a forma originária de um recipiente. Ponte entre obra/espaço/corpo, “Lanterna” propõe significar conexões junto a dimensão humana, ampliando-se ainda para associações entre o chão/terra, nós e o céu/universo.

“Arquear” e “Umbigo (Depois, Meio, Início e Antes)” afirmam a importância sobre o processo, sequência cíclica de mudanças, formas mutantes. Côncavo e convexo, cheio e vazio são noções primordiais para a escultura e nesses trabalhos, elas estão enraizadas junto à materialidade do corpo feminino. O processo de abrigo de um outro ser dentro do próprio corpo está presente em “Umbigo (Depois, Meio, Início e Antes)” onde o umbigo côncavo da mãe se torna convexo durante a gestação e, em Arquear há quatro curvaturas em sequência em cobre, que é um material energético e condutor.

Eliane Prolik, 2025

PROLIK, Eliane. Biografia. Eliane Prolik, Curitiba, PR, [s. d.]. Disponível em: <https://elianeprolik.com/Biografia>. Acesso em: 15 abr. 2025.

SOUTO NETO, Francisco. Expressão Arte por Francisco Souto Neto – Curitiba – 15 a 21 set 1996. Arquivo pessoal de Francisco Souto Neto, [Curitiba], 23 maio de 2013. Disponível em: <https://franciscosoutoneto.wordpress.com/2013/05/23/expressao-arte-por-francisco-souto-neto-curitiba-15-a-21-set-1996/>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ELVO BENITO DAMO

Nasceu em: Caçador, SC, em 1948

Vive e trabalha em: Curitiba, PR

Interferência ecológica IV 1981

Madeira e ferro, 44 x 20,5 x 18 cm

Morador de Curitiba desde 1969, Damo nasceu em Caçador (SC) e possui obras expostas nos principais museus do Brasil. Para Elvo Damo,   árduo trabalhar com diferentes tipos de materiais, como bronze, madeira e fibra de vidro. No entanto,   da  que surge a recompensa. “O artista sempre tem, a partir da ideia, um trabalho físico e mental muito grande. Na  rea da escultura, não se faz isso sozinho. Sempre temos a equipe e os equipamentos. A escultura é um trabalho de sacrifício. Tem de ter conhecimento técnico e de materiais para realizar isso”, disse. Essas esculturas representavam uma crítica contra o desmatamento e a destruição da natureza.

Interferência Ecológica - Elvo Benito Damo. Google Arts and Culture. Acesso em: 10/04/2025.https://artsandculture.google.com/asset/ecological-interference-elvo-benito-damo/pAGNnKb9qILcow?hl=pt-br

ALONSO, Thiago. Escultor Elvo Damo faz um passeio por suas principais obras no programa Arte & Cultura. Assembleia legislativa do estado do Paraná, 2022. Disponível em: https://www.assembleia.pr.leg.br/comunicacao/noticias/escultor-elvo-damo-faz-um-passeio-por-suas-principais-obras-no-programa-arte-cultura. Acesso em: 14/04/2025.





FRANCISCO STOCKINGER

Nasceu em: Traun, Áustria, em 1919

Totem II, 1966

Ferro e madeira 169 x 46,5 x 12 cm

Francisco Alexandre Stockinger (Traun, Áustria 1919 – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2009). Escultor, gravador, desenhista, caricaturista, xilógrafo, professor. Vem para o Brasil em 1921. Em 1929, fixa-se em São Paulo e faz curso de desenho com Anita Malfatti (1889-1964) no Colégio Mackenzie. Sua produção escultórica em metal revela inicialmente afinidade com uma tendência expressionista de teor arcaizante, com ênfase na produção de figuras sint ticas, por meio do uso dos mais diversos materiais e acabamento áspero. Certas formas retorcidas, concebidas pelo artista, acrescentam às figuras uma conotação de tensão ou dor. A partir dos anos 1970, ocorre uma grande modificação em sua obra, como aponta o estudioso Armino Trevisan. O artista passa a trabalhar também com o mármore, o granito e outras rochas. Cria suas esculturas a partir de deformações sugeridas pelos próprios materiais.

FRANCISCO Stockinger. ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2751-francisco-stockinger>. Acesso em: 15/04/2025.

ALFI VIVERN

Nasceu em: Buenos Aires, Argentina, em 1948

Vive e trabalha em: Campo Magro, PR

Sem título, 1989

Basalto 49 x 36 x 15 cm

Participou do Instituto Di Tella na década de 1960 e, aos 20 anos, graduou-se como designer pela Escola Panamericana de Arte em Buenos Aires. Nos anos 1970 se estabeleceu no Brasil e fez aulas com o escultor austríaco Francisco Stockinger. Entre 2007 e 2010, foi diretor do Museu de Arte Contemporânea do Paraná. Ganhou pr mios e concursos, como o Pr mio “EMAAR International Art Symposium” (Dubai, 2007). Suas obras estão presentes em acervos e coleções internacionais como o Museu de Arte de Seul (Seul, Core ia), Museu Kunststation Kleinsassen (Fulda, Alemanha), Museu do Centro Cultural do Condado de Hualien (Taiwan, China), Fundação Sebastian (Distrito Federal, México), Museu ao ar livre (Aswan, Egito), Museu ao ar livre “Les G ants du Nideck” (Oberhaslach, França).

MeGustaCuritiba. (2024, 6 de setembro). Espaço Cultural INC recebe obras de Alfi Vivern, Meg Gerhardt e Suzana Lobo. <https://www.megustacuritiba.com.br/2024/09/06/espaco-cultural-inc-recebe-obras-de-alfi-vivern-meg-gerhardt-e-suzana-lobo/>



atividade

Como iniciar a discussão desta exposição?

As obras e os artistas desta exposição podem ser abordados de diversas maneiras, de acordo com a dinâmica pedagógica e a faixa etária dos educandos. No entanto, antes de se aprofundar nas obras ou nos artistas, é fundamental que os alunos tenham acesso a alguns conceitos e experiências que possibilitem um maior entendimento sobre o tema. Permita-me citar um trecho do livro “Com-junto: Subsídios ao Educador na Mediação do Encontro da Criança com a Arte”, de Luciano Buchmann: “Nosso trabalho busca permitir que o estudante compreenda as obras em sua totalidade, não apenas a superfície que transparece ao seu olhar, mas também as camadas internas dessa profundidade simbólica”.

Com essa reflexão em mente, podemos afirmar que o trabalho do educador museal e do educador escolar deve estar entrelaçado para que seja possível vivenciar a produção cultural à qual os estudantes têm direito, já que fazem parte dela. Proporcionar uma base sólida para que os estudantes tenham a possibilidade de autonomia na interpretação é garantir que não se alienem no estudo artístico. A partir do momento em que as crianças passam a frequentar esses espaços, elas precisam se sentir pertencentes e conhecedoras do conteúdo. Caso contrário, é possível que se sintam desconfortáveis e deslocadas, principalmente em relação à arte contemporânea, que apresenta conteúdos diversos. Trabalhada de maneira adequada, a arte contemporânea pode oferecer um universo novo de possibilidades e visões de mundo.

Para que isso seja possível, é fundamental que os conteúdos estejam bem estruturados. As crianças devem entender, antes de entrar em contato com o conteúdo, perguntas essenciais como O que é arte contemporânea? Quem a produz? Quando e por que essas pessoas estão produzindo isso? Onde podemos encontrar essas obras, em um museu? O que é um museu? O que é um museu de arte contemporânea? Sei que isso pode parecer um volume grande de informações, mas tudo pode ser trabalhado de forma leve, por meio de dinâmicas e atividades.

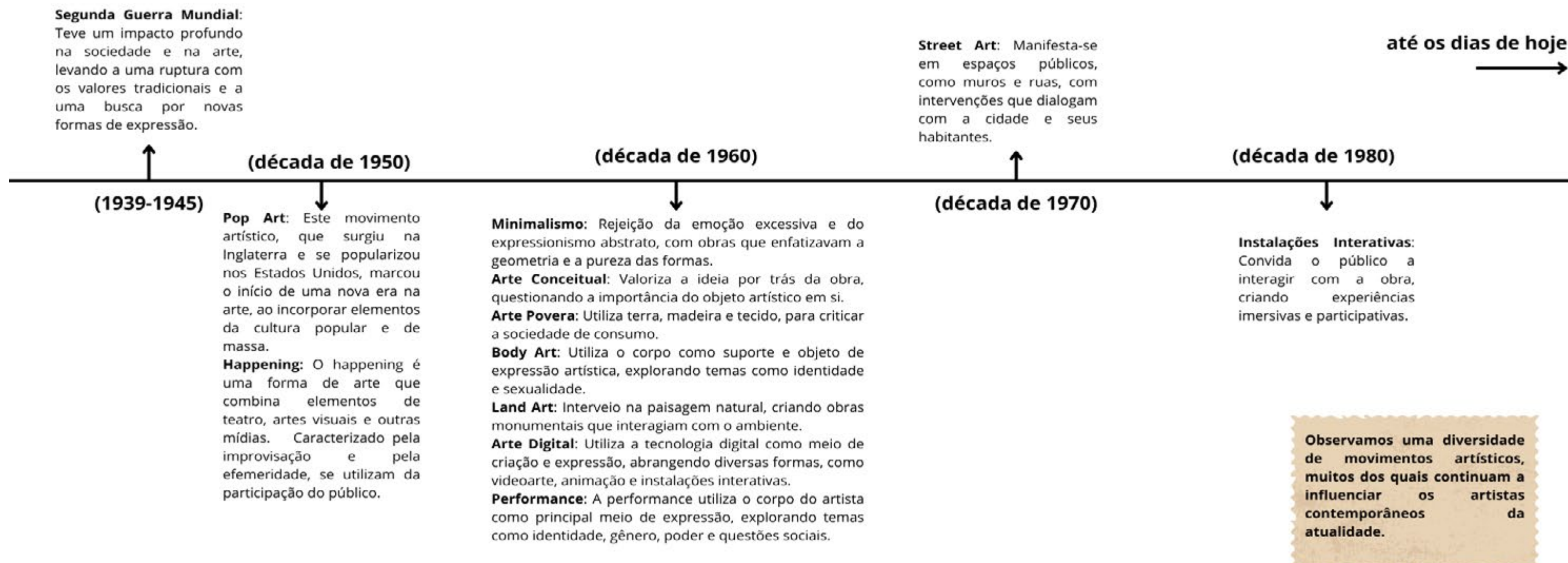
A partir daí, os alunos poderão começar a refletir sobre a exposição, buscando entender sua visão sobre as obras. Por que elas estão dentro de um museu de arte contemporânea? Nesse contexto, também é muito importante que eles tenham a oportunidade de visitar o museu. A projeção de uma obra não pode substituir a experiência direta com ela. O confronto com a obra no espaço físico traz novas camadas de conhecimento. Trata-se de uma experiência que, agora, coloca a criança como parte do circuito cultural da arte contemporânea, com o museu funcionando como uma confirmação de que os estudos realizados em sala de aula estão ativos, permitindo que eles coloquem à prova tudo o que aprenderam.

Primeiros contatos

Para os primeiros contatos, sugerimos dinâmicas que buscam introduzir temas da exposição para a turma. As atividades apresentadas devem:

- O que   arte contemporânea;
- Movimentos artísticos contemporâneos;
- Acervo de um museu.

1. Nessa primeira dinâmica propomos uma introdução a arte contemporânea através da construção coletiva de uma linha do tempo com alguns marcos dentro desse circuito artístico e cultural. Para realizar essa atividade a(o) docente deve escolher imagens e vídeos abordando movimentos artísticos contemporâneos relevantes e solicitar para a turma que as organizem cronologicamente onde acharem que se encaixa, após isso conduzir uma conversa para tentar entender o raciocínio dos alunos e com isso explicar os movimentos artísticos (contexto, artistas principais e desdobramentos). Deixamos uma sugestão de linha do tempo caso queira utilizar.



2. Como segunda proposta, buscamos demonstrar o que é um acervo e como ele é composto através da proposição de um acervo da turma, já que é um dos assuntos fundamentais para entender essa exposição. Para essa dinâmica o educador deve solicitar aos alunos objetos pessoais ou atividades que eles mais gostaram de realizar, após reunir esses objetos o docente deve instigar a turma a achar um ponto em comum entre esses objetos. Desse modo o professor pode introduzir gradualmente o que é o acervo ao longo dos apontamentos dos alunos:

ACERVO – A palavra acervo significa conjunto de objetos, obras ou documentos que pertencem a uma pessoa, instituição, organização ou local, ou seja,   **coleção organizada de itens que têm algum valor ou importância**.

Um acervo geralmente pertence a uma instituição, como:

- **Uma biblioteca:** O acervo de uma biblioteca é a sua coleção de livros, revistas, jornais, mapas etc.
- **Um museu:** O acervo de um museu é a sua coleção de obras de arte, objetos históricos, artefatos culturais etc.
- **Um arquivo:** O acervo de um arquivo é a sua coleção de documentos, cartas, fotografias, vídeos, gravações etc., que registram informações importantes.

Possibilidades de atividades

Atividade de curadoria:

Tempo estimado: duas aulas (50 min)

Nessa atividade, busca-se trabalhar o conceito de curadoria baseado no trabalho de Fernando Velloso dentro dessa exposição. Destacando a importância do trabalho curatorial dentro do espaço museal. Nesse contexto, sugerimos uma atividade de curadoria individual ou coletiva com os trabalhos da turma.

No início da aula será organizada uma roda de conversa para entender o que os estudantes sabem sobre como funciona uma exposição (como são escolhidos os artistas? Quem organiza os trabalhos dos artistas? Porque uma exposição tem uma certa configuração? O quanto a organização espacial das obras pode interferir na leitura de imagens?). Com a mediação do professor, será apresentada a função de um curador.

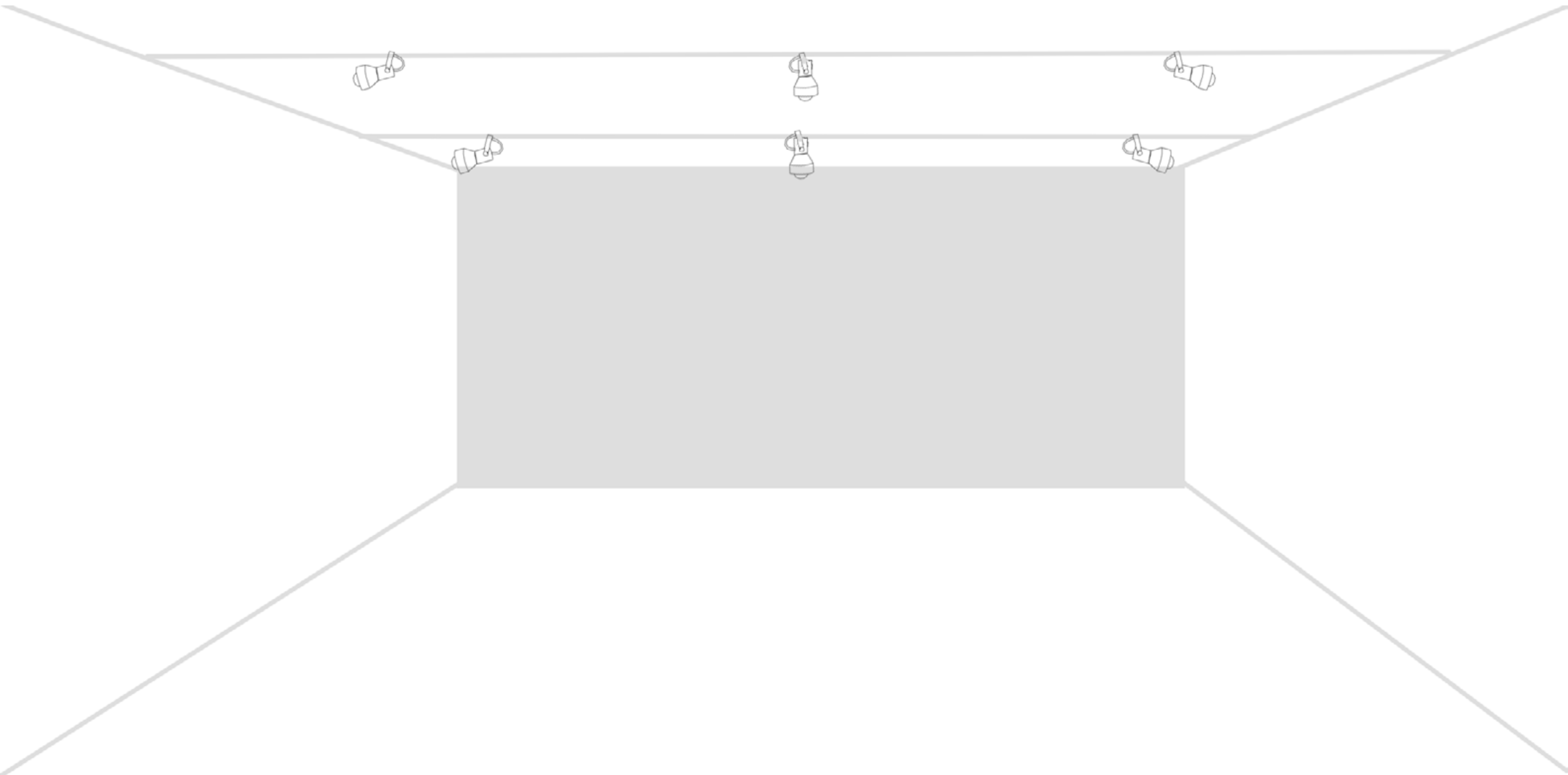
O que o curador faz?

- **Seleciona:** ele escolhe as obras mais relevantes, interessantes e que se encaixam no tema da exposição.
- **Organiza:** ele decide como as obras serão dispostas no espaço, criando uma narrativa visual que faça sentido para o público.
- **Interpreta:** Ele pesquisa sobre as obras, os artistas e o contexto histórico, fornecendo informações e explicações para que o público entenda e aprecie melhor o que está vendo.
- **Cuida:** ele zela pela integridade das obras, garantindo que sejam manuseadas e expostas da forma correta.

Após essa discussão introdutória, os alunos deverão apresentar os trabalhos realizados no decorrer das aulas, a turma deve analisá-los de modo crítico pensando em como selecionar e organizar essas atividades em uma exposição da turma. Cada aluno ou grupo deverá desenvolver um projeto para ser apresentado, a justificar suas escolhas para a turma (Por que a disposição específica? Há núcleos? Por que a escolha desses trabalhos?).

Apresentação para a turma e discussão sobre os projetos.

Deixamos abaixo um croqui para que os alunos possam esboçar sua organização espacial:



Materiais sugeridos:

- Folhas com o croqui impresso;
- Riscantes;
- Papel sulfite.

Objetivos contemplados pela atividade:

- **Ensino Fundamental:**
 - Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, institui es, artistas, artesãos, curadores etc.);
 - Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais;
 - Dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.
- **Ensino Médio:**
 - Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade;
 - Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências est ticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas;
 - Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econ mica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Desdobramentos

Realizar uma exposição da turma de acordo com o projeto acordado pela turma. Podendo manter a prática aos finais de bimestres, trimestres, semestres ou ano.

Atividade de Abstração e Figuração:

Tempo estimado: uma aula (50 min)

O educador deve começar a aula apresentando dois quadros, presentes nessa exposição:



DUMKE, Rones - O ardil, 1980. 70 x 99,6 cm,  p s de cor sobre papel.



NORONHA, Fábio - Sem título B, 1993.
169 x 130 cm, óleo sobre tela.

E depois promover um  rculo de cultura, convidando os alunos a compartilhar suas primeiras observações sobre cada quadro.

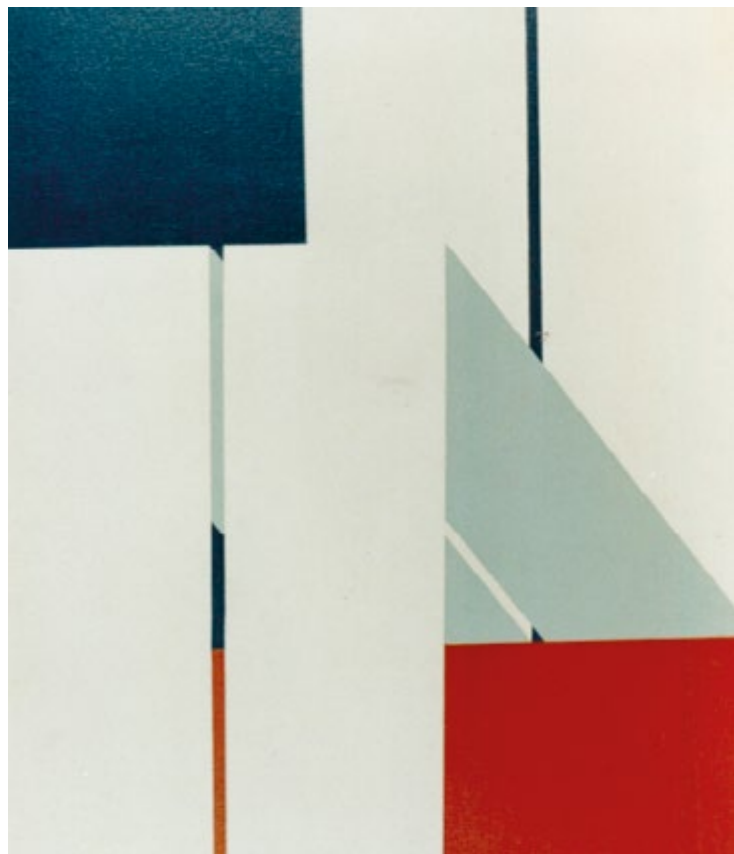
Perguntas norteadoras: “O que chamou mais a atenção no primeiro quadro?”, “Quais palavras vêm à mente ao olhá-lo?”, “E no segundo quadro, o que vocês veem?”, “Foi mais fácil ou mais difícil descrever cada um? Por qu ?”.

Ao longo da conversa o educador pode introduzir os conceitos de abstracionismo e figurativo, visto que é um conceito muito presente na arte moderna e contemporânea.

- **Figurativo**, neste   possível nomear os itens com uma maior facilidade porque ele tem figuras que são ou lembram algo que conhecemos, o quadro tem formas definidas de objetos, pessoas, elementos da natureza, entre outros.
- **Abstrato**, manchas, cores, texturas, pontos e linhas que formam essa imagem onde não conseguimos definir o que são.

Analisar coletivamente os elementos visuais de cada obra. No quadro de Dumke, quais elementos são identificáveis? No quadro de Noronha, quais elementos predominam?

Apresentar a obra de Paulo Valente como exemplo de abstracionismo geométrico. Quais formas geométricas vocês identificam? Como a organização dessas formas cria uma imagem abstrata?



VALENTE, Paulo - Sem título, 1985. 69,8 x 59,2 cm, acrílica sobre tela.

- O **abstracionismo geométrico**, que se utiliza de formas geométricas (triângulo, quadrado, retângulo etc) e linhas para a construção de uma obra. como por exemplo:

Mostrar as esculturas de Jefferson Cesar e Alfi Vivern, questionando como o conceito de abstrato e figurativo se aplica a escultura.



CESAR, Jefferson - Escultura, 1969. 26,5 x 26,5 x 15 cm, mármore.



VIVERN, Alfi - Sem título, 1989. 49 x 36 x 15 cm, basalto.

Agora que os alunos compreendem as diferenças entre uma obra abstrata e uma obra figurativa, com base nos elementos visuais presentes, solicite que eles produzam suas próprias composições, uma figurativa e outra abstrata, se utilizando de um tema comum às duas produções, podendo iniciar tanto pela abstrata, quanto pela figurativa.

Exemplo:**Tema:** Cansaço

Materiais sugeridos:

- Projetor/TV/educatron;
- Riscantes;
- Papel sulfite.

Objetivos contemplados pela atividade:

- **Ensino Fundamental:**
 - Pesquisar, apreciar e analisar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, em obras de artistas brasileiros e estrangeiros de diferentes épocas e em diferentes matrizes est ticas e culturais, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético;
 - Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.
- **Ensino Médio:**
 - Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências est ticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, h stricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

Atividade de Hachura:

Tempo estimado: duas a três aulas (50 min)

Essa atividade tem como objetivo estimular a percepção sensorial e introduzir a discussão sobre texturas e hachuras.

O educador deve iniciar a aula propondo um breve exercício de exploração, isto é, ir com os alunos até uma parte externa da escola para que colem materiais de diferentes texturas (Pedras, galhos, folhas etc) e discutam como representar cada uma dessas superfícies distintas.

- Uma pedra: Ela é áspera, você sente os “altos e baixos” na mão. Isso é uma textura.
- Um galho: Ele é rígido, irregular e levemente áspero, uma sensação bem diferente da pedra. Essa também é uma textura.
- Uma folha: Ela é mais lisa, mas você ainda sente um pouco de “granulado” e relevos. Mais uma textura.

Continuadamente, apresentando o conceito de textura através do uso de materiais. Podendo ser observadas nas obras abaixo:



BRZEZINSKI, João Osorio Bueno de - Dimensão da cor, 1963. 75,5 x 98,7 cm, óleo sobre tela, massa e aniagem colada sobre chapa de madeira.



MASSUDA, Alberto - Figuras e animais, 1966. 72,6 x 60,2 cm, óleo sobre tela.



STOCKINGER, Francisco - Totem II, 1966. 169 x 46,5 x 12 cm, ferro e madeira.

Também existe a textura visual, a **impressão** de uma textura s  de olhar. Por exemplo, um desenho de tijolos parece áspero, mesmo que a folha de papel seja lisa. Essa é a **textura que a gente v **.

Um das técnicas que podem ser utilizadas é a hachura. A hachura é um conjunto de linhas que buscam dar forma aos objetos por meio do sombreamento. Por exemplo: se uma área do desenho não tem luz direta e está na sombra, ela é representada com muito mais linhas e cruzamento entre as linhas, podemos observar isso nos quadros:



MENDES, Vicente J ir - Sem título, 1971. 50 x 70 cm, nanquim e aquarela sobre papel.



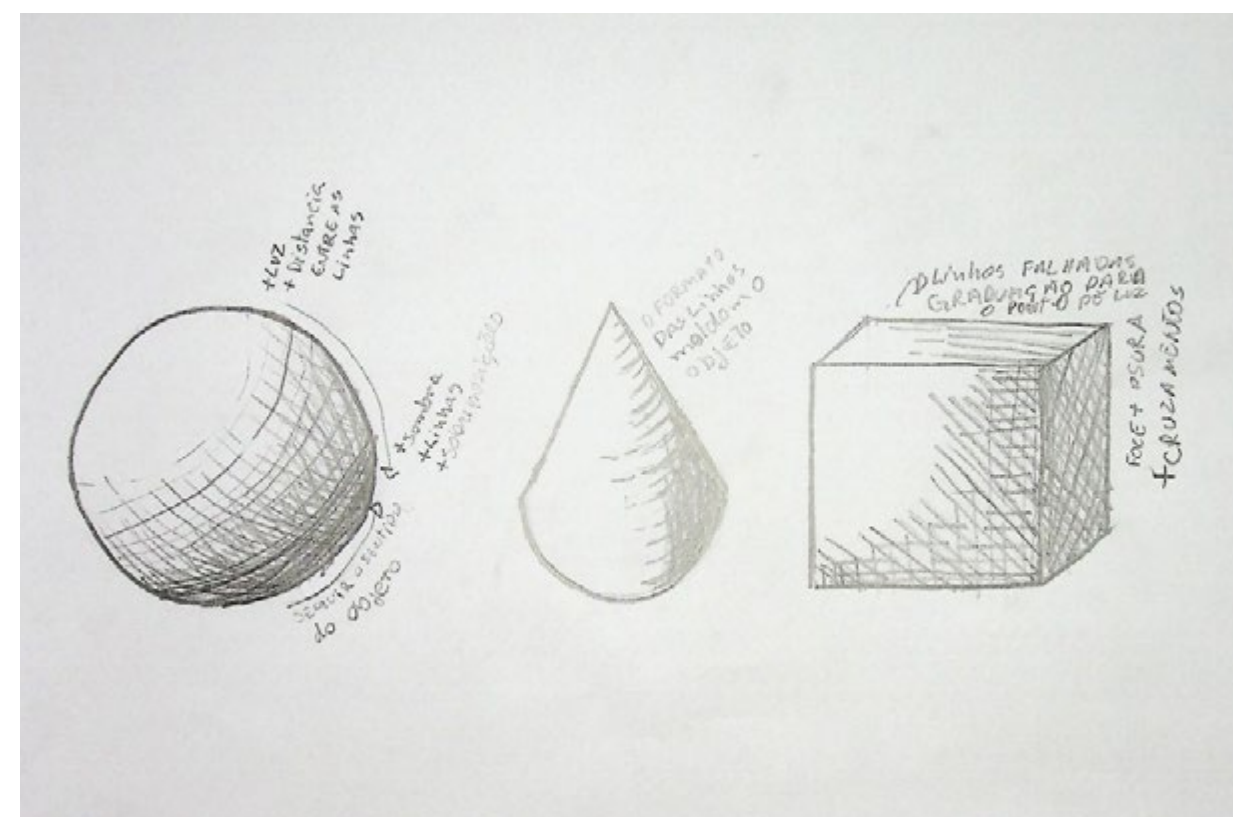
SABINO, Vera - Desenho I, 1970. 70 x 100 cm, nanquim e aguada sobre papel.

Quanto mais variedade de linhas mais tonalidades   possível fazer deixando o desenho mais detalhado,   possível usar diversos materiais:  pis de cor, caneta colorida,  pis de grafite, caneta nankin, entre outros.

Os alunos serão direcionados a construir uma produção visual utilizando os materiais coletados anteriormente, apropriando-se da textura tátil.

Após a primeira atividade e a explicação conceitual, o docente deverá exemplificar/apresentar as técnicas da hachura e sugerir aos alunos que treinem o método em formas básicas como: Círculos, cubos e cones.

Exemplo:



Materiais sugeridos:

- Imagens de referência;
- Riscantes/grafite;
- Papel sulfite.

Posteriormente, os estudantes poderão ter a liberdade de utilizar a técnica de hachura em um desenho autoral.

Objetivos contemplados pela atividade:• **Ensino Fundamental:**

- Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.);
- Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade;
- Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

• **Ensino Médio:**

- Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências est ticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

Para uma visão mais profunda da técnica você pode acessar: <https://nanquim.com.br/hachuras/>

**visite
o mac
paraná**

para sua turma

Ingressos / R\$ 36 e R\$ 18 (meia-entrada)

As instituições públicas de ensino têm isenção do valor do ingresso mediante agendamento com o Setor Educativo do MAC Paraná.

Quartas-feiras são gratuitas para o público em geral. Realizamos visitas mediadas com agendamento prévio.

Marque uma visita mediada conosco, através do formulário de agendamento [AQUI](#).

Mais informações através do nosso e-mail: educativomac@seec.pr.gov.br ou do telefone/whatsapp (41) 3323-5265

siga o mac paraná



mac.pr.gov.br



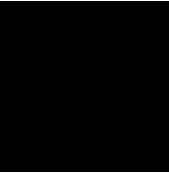
macparana



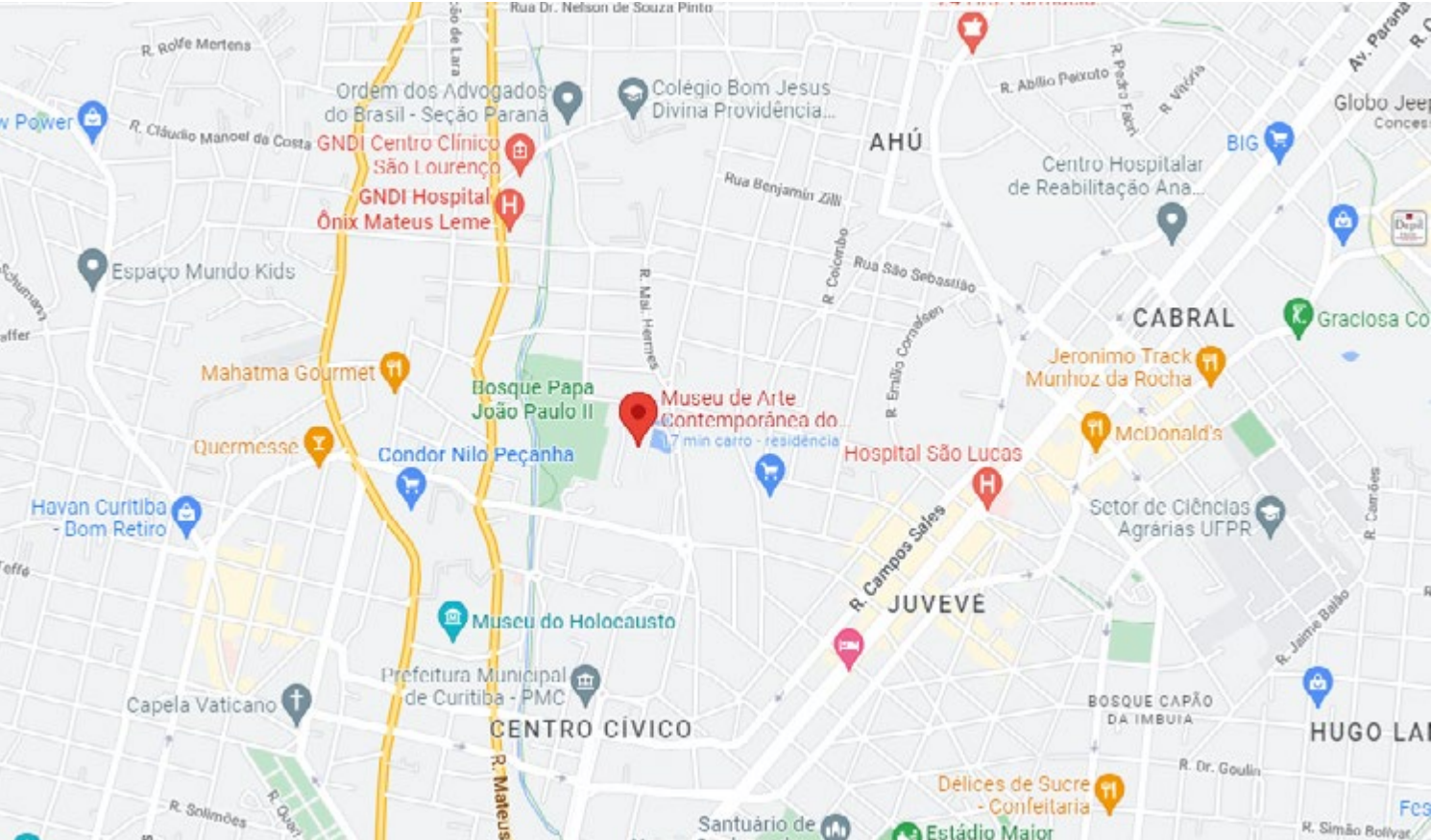
mac_parana



mac_parana



como chegar ao MAC no MON?



Rua Marechal Hermes, 999 - Centro Cívico, Curitiba - PR

Linhas de ônibus com pontos de parada próximos ao MAC Paraná

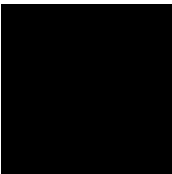
- **ESTAÇÃO TUBO (ASSEMBLEIA)**
Rua Prefeito Rosalvo G. Mello Leitão
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
- **ESTAÇÃO TUBO (PALÁCIO IGUAÇU)**
Rua Cândido de Abreu
Fazendinha/Tamandaré
Aeroporto
Inter II (sentido anti-horário)
Boqueirão/Centro Cívico
- **ESTAÇÃO TUBO MUSEU OSCAR NIEMEYER**
Rua Marechal Hermes
Boqueirão/Centro Cívico
- **PONTO R. MARECHAL HERMES**
Ahú/Los Angeles
Marechal Hermes/Santa Efigênia
Interbairros I (sentido horário)
- **PONTO Rua MANOEL EUFRÁSIO**
Interbairros I (sentido anti-horário)
Inter II (sentido horário)
Boqueirão/Centro Cívico

LINHA TURISMO

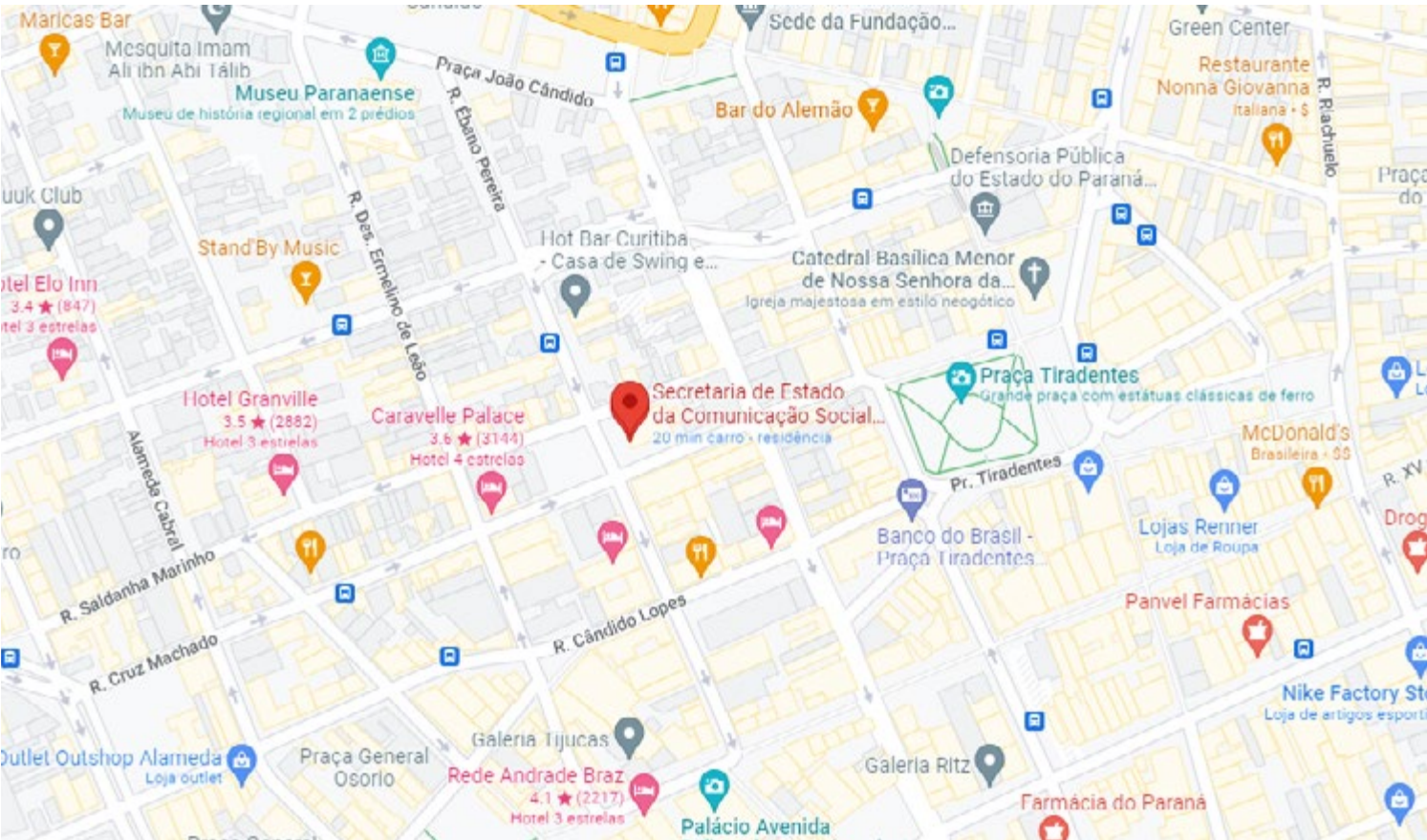
Uma linha de ônibus especial que circula nos principais pontos turísticos de Curitiba, com ponto de parada em frente ao MAC no MON.

A Linha Turismo circula a cada 30 minutos, percorrendo aproximadamente 45 km em cerca de 2h30. Para embarcar você compra uma cartela com cinco tíquetes, no valor de R\$ 50,00, e tem direito a um embarque e quatro reembarques.

Saídas de terça a domingo, partindo da Praça Tiradentes, das 9h às 17h30, a cada 30 minutos.



como chegar à Sede Adalice Araújo



Rua Ébano Pereira, 240 - Centro, Curitiba - PR. Situada no hall da Secretaria de Estado da Cultura, próximo à Praça Tiradentes.

Linhas de ônibus com pontos de parada próximos à Sede Adalice Araújo

- BAIRRO ALTO / SANTA FELICIDADE
- STA FELICIDADE / PRAÇA TIRADENTES
- PINHAIS / CAMPO COMPRIDO
- MAD. ABRANCHES
- CABRAL / OSÓRIO
- AHÚ / LOS ANGELES
- NOSSA SENHORA DE NAZARÉ
- ITUPAVA / HOSPITAL MILITAR
- DETRAN / VICENTE MACHADO
- MANOEL RIBAS
- CANAL DA MÚSICA / VISTA ALEGRE
- ALCIDES MUNHOZ / J. BOTÂNICO
- SÃO BERNARDO
- JÚLIO GRAF
- CIC / CABRAL
- COLOMBO / CIC
- MATEUS LEME
- ABRANCHES
- BIGORRILHO
- SAVÓIA
- JD. ESPLANADA
- SÃO BRAZ



ficha técnica

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária de Estado da Cultura

Luciana Casagrande Pereira

Diretora-geral da Secretaria de Estado da Cultura

Elietti de Souza Vilela

Coordenador do Sistema Estadual de Museus

Cauê Donato

Assessoria de Comunicação

Fernanda Maldonado

Diretora-geral

Juliane Fuganti

Coordenadora do Setor de Acervo

Joanes Barauna

Coordenadora do Centro de Pesquisa e Documentação

Crislene Bueno de Carvalho Galdino

Coordenadora do Setor Educativo

Kamila Kuromiya

Residente Técnico do Setor de Produção

Vitor Droppa Wadowski Fonseca

Residente Técnico do Setor de Acervo

Guilherme Felipe Ritter

Estagiário do Setor de Pesquisa e Documentação

Mateus Francisco Kramer Sens

Estagiária do Setor de Pesquisa e Documentação

Yasmin Munhoz Tobias de Moraes

Estagiário do Setor de Acervo

Arthur Ruiz Babora

Estagiário do Setor de Acervo

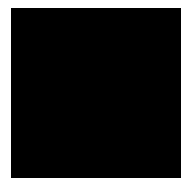
Gabriel Rodrigo Santos

Estagiária do Setor Educativo

Júlia Feacher Garcia

Estagiária do Setor Educativo

Heloisa Gurkievicz dos Santos



2025

período expositivo

**de 10 de abril
a 05 de outubro**

/ sala 08

**Pesquisa e Redação deste material
Setor Educativo MAC Paraná**

Kamila Kuromiya
Júlia Feacher Garcia
Heloisa Gurkiewicz dos Santos

Fotografia

Kraw Penas
Anderson Tozato
Kamila Kuromiya
Heloisa Gurkiewicz dos Santos

Revisão

Alessandro Manoel

Design Gráfico

Barbara Haro
Júlia Fernandes Corrêa

O MAC-PR está em reforma. Durante o período de restauro da sede, inaugurada em 1970, estamos funcionando no MON, com programação nas salas 8 e 9.

Museu de Arte Contemporânea do Paraná

Rua Marechal Hermes, 999 | Centro Cívico, Curitiba/PR
41 3323-5328

Visitação

Terça-feira a domingo, das 10h às 18 horas.

Entrada gratuita toda quarta-feira.

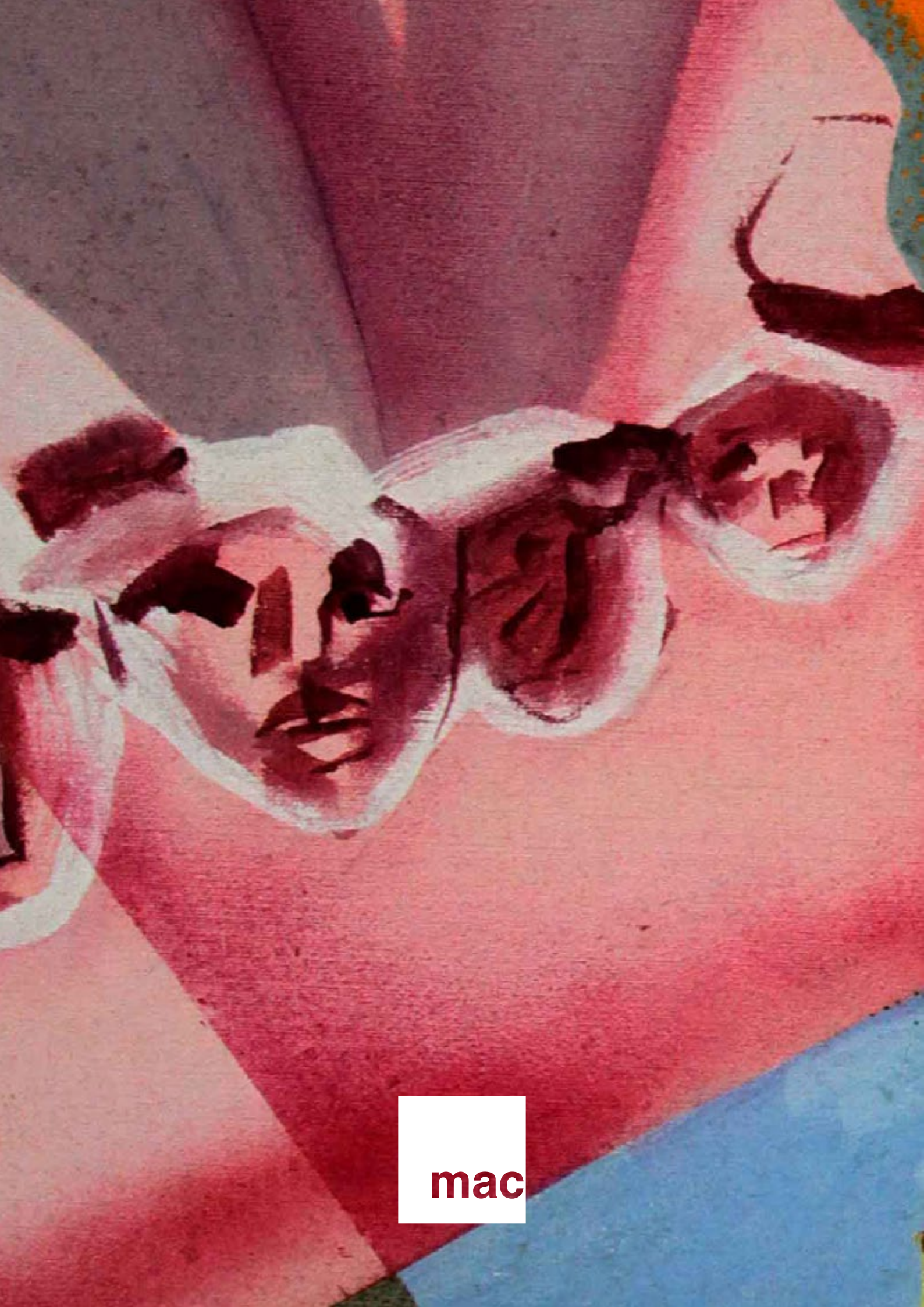
Nos demais dias, R\$ 36 e R\$ 18 (meia-entrada).

APOIO



REALIZAÇÃO





mac